

PUCRS

ESCOLA DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
MESTRADO EM PSICOLOGIA

ALICE QUEIROZ TELMO ROMANO

**IMIGRAÇÃO DE MULHERES HATIANAS NO RIO GRANDE DO SUL:
TRAJETÓRIAS E RELAÇÕES DE GÊNERO**

Porto Alegre
2017

PÓS-GRADUAÇÃO - *STRICTO SENSU*



Pontifícia Universidade Católica
do Rio Grande do Sul

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
MESTRADO EM PSICOLOGIA

**IMIGRAÇÃO DE MULHERES HAITIANAS NO RIO GRANDE DO SUL:
TRAJETÓRIAS E RELAÇÕES DE GÊNERO**

ALICE QUEIROZ TELMO ROMANO

ORIENTADOR: Prof. Dr. Adolfo Pizzinato

Dissertação de Mestrado realizada no Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Psicologia. Área de Concentração em Psicologia Social.

**Porto Alegre
Dezembro, 2017**

R759i Romano, Alice Queiroz Telmo

Imigração de mulheres haitianas no Rio Grande do Sul :
trajetórias e relações de gênero / Alice Queiroz Telmo Romano.
– 2018.
77 f.

Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Psicologia, PUCRS.
Orientador: Prof. Dr. Adolfo Pizzinato.

1. Emigração e emigração – Aspectos psicológicos. 2.
Mulheres imigrantes. 3. Psicologia social. I. Pizzinato, Adolfo.
II. Título.

CDD 23 ed. 155.9

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
MESTRADO EM PSICOLOGIA

**IMIGRAÇÃO DE MULHERES HAITIANAS NO RIO GRANDE DO SUL:
TRAJETÓRIAS E RELAÇÕES DE GÊNERO**

ALICE QUEIROZ TELMO ROMANO

COMISSÃO EXAMINADORA:

Prof. Dr. Adolfo Pizzinato – Orientador PPG Psicologia PUCRS

Prof^a. Dr^a. Adriane Roso - UFSM

Prof^a. Dr^a. Margarita Rosa Gaviria Mejía - UNIVATES

Prof^a. Dr^a. Fernanda Bittencourt Ribeiro – PPG Ciências Sociais PUCRS

**Porto Alegre
Dezembro, 2017**

AGRADECIMENTOS

A todos (as) os (as) imigrantes que durante o período do meu voluntariado conversaram comigo e me contaram um pouco de suas vidas. Sou muito grata por ter ouvido suas histórias e presenciado sua luta diária em busca de uma vida mais digna.

Ao meu orientador Prof. Adolfo Pizzinato por ter orientado esta dissertação de mestrado e ter ensinado os caminhos da pesquisa acadêmica.

As professoras Adriane Roso, Margarita Rosa Gaviria Mejía, Fernanda Bittencourt Ribeiro por terem aceito o convite para participar da banca de defesa.

A todos (as) os (as) professores (as), do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da PUCRS de quem fui aluna no mestrado, e com quem tanto aprendi: Adriane Arteche, Angelo Brandelli Costa, Carolina Lisboa, Kátia Bones Rocha, Luísa Fernanda Habigzang, Mônica Macedo e os de outros programas: Fernando Seffner e Ricardo Timm de Souza.

A todos (as) os (as) colegas de mestrado, destaco em especial Patrícia Bandeira, Jhoanna Altamirano, Luciana Dantas e Ana Maria Beys, pelo companheirismo.

Aos colegas do grupo de pesquisa Identidades, Narrativas e Comunidades de Prática, pelas manhãs produtivas de convívio e troca de experiências. Em especial aos alunos de iniciação científica, Bernard Martins Paz, Isadora Martini, Luiz Augusto Costa Souza, Paula Jobim, Pedro de Castro Tedesco e Nathália Lobo pela competência, comprometimento na execução deste projeto e também nas diversas tarefas ligadas ao mesmo. E aos colegas João Luís Weber e Alice Brunnet, que compartilharam seu conhecimento de pesquisa na área de migrações e acompanharam minha inserção no CIBAI.

Ao CIBAI Migrações, à Rosana e Eliane pelo acolhimento e pela confiança. Além disso, agradeço pelas experiências compartilhadas e por todo trabalho que vocês realizam em prol da população migrante.

Aos membros da secretaria do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da PUCRS, Alexandra Ribeiro, Francielle Abreu da Silva e Milena da Silveira Pires, pela atenção e dedicação.

Ao Pedro Augusto Ferreira Romano por me incentivar a estudar, pelo carinho e pela paciência nas longas horas de escrita e por estar ao meu lado.

A minha família, ao meu pai Roberto da Silva Telmo, que nas situações difíceis me ensinou que é preciso ter calma; e a minha mãe Virginia Queiroz Telmo que sempre me incentivou a fazer o mestrado. A Bruna Queiroz Telmo (*in memoriam*) com quem comecei a aprender.

RESUMO

A presente dissertação visa abordar a recente imigração haitiana no Estado do Rio Grande do Sul, explorando o significado do fenômeno migratório para mulheres haitianas. Para tanto foram realizados dois estudos, um artigo teórico e um artigo empírico. No primeiro artigo, intitulado “Feminização da migração involuntária no Brasil: intersecções de gênero, raça /etnia e classe”, é realizada uma revisão crítica dos estudos publicados na temática migração feminina no Brasil. Os trabalhos foram analisados através da perspectiva interseccional, que compreende diferentes formas de agenciamento e discriminação, a partir da interação entre diversos modos de subordinação, tais como os relacionados às questões de gênero, raça/etnia, classe. A partir deste estudo foi verificado que, apesar do crescente número de pesquisas acerca da temática, poucas levam em consideração os marcadores mencionados de maneira interseccional. No segundo artigo, intitulado “Trajetória de migração das mulheres haitianas em Porto Alegre: um estudo qualitativo”, é traçado um panorama sobre a feminização da migração, em especial da imigração haitiana. Afim de fazer uma discussão com a teoria atual sobre migrações são realizadas as análises das entrevistas feitas com as mulheres haitianas. A partir destas análises busca-se compreender como é a trajetória de migração destas mulheres, o que foi encontrado de semelhanças e diferenças com que vem sendo publicado sobre migração de mulheres haitianas. Algumas questões, como idioma, família e trabalho houveram destaque e foram aprofundadas. Em suas falas foi observado como ser haitiana encontra-se vinculada a vivência de migração. Também foi visto que suas trajetórias são marcadas por protagonismo ao decidirem migrar sozinhas para outros países. Mesmo nos casos de migração acompanhada há trechos nos quais percebe-se também o protagonismo das imigrantes. Por ser um dos estudos ainda pioneiros

em nosso contexto, os resultados aqui discutidos trazem indicativos que poderão ser explorados em futuros estudos, os quais podem investigar mais a fundo os conceitos aqui explorados com outros grupos migratórios em outros contextos. Deste modo, os achados desta pesquisa oferecem um panorama ainda circunscrito e delimitado da realidade das mulheres haitianas em Porto Alegre, mas que pode servir de suporte para pensar políticas públicas e intervenções que visam tanto conscientizar a população brasileira quanto a este tema tão emergente, quanto apresentar possibilidades de acolhimento e fomentação de direitos humanos para a população imigrante e refugiada.

Palavras-Chave: Imigração; Mulheres; Gênero; Haiti.

Área conforme classificação CNPq: 7.07.00.00-1 - Psicologia

Subárea conforme classificação CNPq: 7.07.05.00-3 - Psicologia Social

ABSTRACT

The present work aims to address a recent Haitian immigration in the State of Rio Grande do Sul, exploring the significance of the migratory phenomenon for Haitian women. For this to happen, two studies were carried out, a theoretical article and an empirical article. In the first article entitled "Feminization of involuntary migration in Brazil: intersections of gender, race / ethnicity and class", a critical review of the studies published on the issue of female migration in Brazil was carried out. The work was analyzed through the intersectional perspective, which includes different forms of agency and discrimination, from the interaction between different modes of subordination, such as issues of gender, race / ethnicity, class. From this study was verified, in spite of increasing the number of research on the subject, few take into consideration of markers according to the intersectional way. In the second article entitled "Trajectory of migration of Haitian women in Porto Alegre: a qualitative study", a panorama is outlined about the feminization of migration, especially Haitian immigration. In order to make a discussion with the current theory on migrations, the analyzes of interviews with Haitian women are carried out. Based on these analyzes, it is sought to understand how the migration trajectory of these women is, what has been found of similarities and differences with what has been published about migration of Haitian women. Some issues, such as language, family and work, have been highlighted and deepened. In their speeches it was observed how being Haitian is linked to the experience of migration. It has also been seen that their trajectories are marked by protagonism when deciding to migrate alone to other countries. Even in the cases of accompanied migration there are passages in which the protagonism

of the immigrants is also perceived. As one of the pioneering studies in our context, the results discussed here provide indications that can be explored in future studies, which can further investigate the concepts explored here with other migratory groups in other contexts. Thus, the findings of this research offer a still limited and limited panorama of the reality of Haitian women in Porto Alegre, but which can serve as a support for thinking about public policies and interventions aimed at raising the awareness of the Brazilian population about this emerging issue, possibilities for the reception and promotion of human rights for the immigrant and refugee population.

Key-words: Immigration; Women, Gender; Haiti.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
ESTUDO 1: FEMINIZAÇÃO DA MIGRAÇÃO INVOLUNTÁRIA NO BRASIL: INTERSECÇÕES DE GÊNERO, RAÇA /ETNIA E CLASSE	30
ESTUDO 2: TRAJETÓRIA DE MIGRAÇÃO DAS MULHERES HAITIANAS EM PORTO ALEGRE: UM ESTUDO QUALITATIVO	49
CONSIDERAÇÕES FINAIS	68
Anexo A – Carta de Aceite do Comitê de Ética.....	71
Anexo B – Termos de Consentimento Livre e Esclarecido	74

Introdução

A presente pesquisa faz parte de um projeto maior intitulado Aspectos psicossociais da imigração haitiana: orientações aculturativas, negociações identitárias e relações comunitárias no Rio Grande do Sul, sob coordenação do Prof. Adolfo Pizzinato. Esta dissertação visa abordar a recente imigração haitiana no Estado do Rio Grande do Sul, explorando o significado do fenômeno migratório para mulheres haitianas.

Atualmente, o Brasil está vivendo um novo fluxo migratório, sobretudo de imigrantes haitianos, e de países africanos (predominantemente Senegal e Gana). Nos últimos dez anos o número de imigrantes registrados pela Polícia Federal no Brasil aumentou 160%. Em 2015, os haitianos ocupavam o primeiro lugar nas estatísticas de chegada ao país pelo segundo ano consecutivo. Com total de 14.535 haitianos registrados pela Polícia Federal, esta é a nacionalidade que mais se destaca pelo crescimento nos últimos cinco anos (Velasco & Mantovi, 2016). O fluxo migratório haitiano para o Brasil iniciou-se em 2008 provocado pela acentuada crise política-socioeconômica do país. Após o terremoto de 2010, a migração intensificou-se e um número expressivo de haitianos entrou no país em busca de um recomeço e oportunidades de trabalho. Os dados mostram que até outubro de 2014 2.503 imigrantes haitianos entraram no Rio Grande do Sul, estima-se que 25,6% desta população é formada por mulheres (Uebel, 2015).

A entrada dos haitianos em território brasileiro se dá, principalmente, pelo Acre, pois o governo estadual ofereceu abrigo até maio de 2014. De acordo com o Conselho Nacional de Imigração (CNI), o número de solicitações de refúgio por haitianos no Brasil cresceu de 720 em 2011 a 4860 em 2012. Apesar de desastres

naturais não estarem enquadrados na definição de refugiado determinada pelos incisos I e II do art. 1º da Convenção das Nações Unidas (CNU) relativa ao Estatuto dos Refugiados de 1951, os imigrantes haitianos receberam visto de residência permanente no Brasil por questões humanitárias. Legalmente, não são considerados refugiados, e sim imigrantes (Seixas, 2014).

A condição de refugiado é destinada àqueles que necessitaram fugir de seus países por terem seus direitos humanos violados, por exemplo, perseguição em razão de raça, religião, credo, nacionalidade, opinião política ou então por motivos de guerra. Embora o terremoto tenha deixado o Haiti em estado de calamidade, os haitianos não se enquadram na categoria de refugiados. Assim, o governo brasileiro abriu uma exceção concedendo um “Visto Humanitário” a esta população (encaminhado pelo Conselho Nacional de Imigração - CNIG). O visto pode ser obtido nas embaixadas do Brasil em Porto Príncipe, Lima e Quito (Barbosa, 2015). Com ele o estrangeiro possui autorização para entrar e permanecer no país em situações de emergência, como por exemplo, emergências médicas, reagrupamento familiar ou catástrofes naturais (Vilela e Sampaio, 2015).

A Resolução Normativa do Conselho Nacional de Imigração nº 97/2012 (Brasil, 2012), no artigo 1º especifica que:

Ao nacional do Haiti poderá ser concedido o visto permanente previsto no art. 16 da Lei nº6.815, de 19 de agosto 1980, por razões humanitárias, condicionado ao prazo de 5 (cinco) anos, nos termos do art. 18 da mesma Lei, circunstância que constará na Cédula de Identidade do Estrangeiro.

E observa em seu parágrafo único do 1º artigo que: “Consideram-se razões humanitárias, aquelas resultantes do agravamento das condições de vida da população haitiana em decorrência do terremoto ocorrido naquele país em 12 de

janeiro de 2010.” Discorre ainda que o visto disciplinado por esta Resolução Normativa tem caráter especial e será concedido pelo Ministério das Relações Exteriores, por intermédio da Embaixada do Brasil em Porto Príncipe (Brasil, 2012). O prazo para a emissão de vistos humanitários para imigrantes haitianos já foi prorrogado por quatro vezes consecutivas. No momento, a lei diz que podem ser emitidos até outubro de 2017.

Para compreender a crescente diáspora haitiana no contexto brasileiro é necessário lançar um olhar para as anteriores vinculações geopolíticas entre estes dois países. Quando o terremoto atingiu o país em 2010, o exército brasileiro já era responsável por diversas ações em missões de paz. Após o ocorrido, o exército e algumas organizações não governamentais (ONGs) seguiram realizando trabalhos no Haiti, também em cooperação com outros países, mas sob coordenação brasileira. A partir destas relações, a população haitiana criou expectativas do Brasil como país de imigração, as quais são alimentadas por brasileiros que estão no Haiti e através da própria rede migratória de haitianos (Cogo, 2014).

Por conta do crescente número de imigrantes haitianos no Brasil, diversas pesquisas foram realizadas sobre este fluxo migratório. Algumas (Handerson, 2015; Uebel, 2015; Santos, 2015; Moraes, Andrade, & Mattos, 2013; Thomaz, 2013) visaram investigar as causas e repercussões deste fluxo, traçar um panorama da imigração haitiana e analisar as políticas migratórias adotadas pelo Brasil. Outras pesquisas (Vinente dos Santos, 2016; Magalhães & Baeninger, 2016) exploraram como ocorre a inserção dos imigrantes haitianos na sociedade brasileira em âmbitos como trabalho e serviços de saúde.

Assim, foi observado que poucas pesquisas têm seu enfoque voltado para a especificidade do processo migratório das mulheres haitianas. Na maioria das vezes as mulheres surgem como agentes secundários da migração. Peres e Baeninger (2017) apontam que ao tomarmos o papel da mulher imigrante como uma participação de segundo plano, é possível estar ignorando complexidades e heterogeneidades importantes deste processo.

Alguns estudos enfatizam que desigualdades sociais e econômicas fazem com que determinados grupos sejam mais vulneráveis em situações adversas como desastres naturais, processos migratórios, etc. (Brunsma & Picou, 2008). Um destes grupos é o das mulheres, possuindo elas desvantagens no processo de reconstrução e até recuperação. Estas vulnerabilidades estão relacionadas a desigualdades sociais e econômicas pré-existentes, como seus lugares na economia global, seu acesso limitado a bens e salários, falta de suporte do Estado e papéis, responsabilidades e normas relacionadas ao gênero (Horton, 2012).

Desde a década de 1990, observa-se o fenômeno da feminização na maior parte dos fluxos migratórios (Benería, Deere, & Kabeer, 2012). Em 2013, as mulheres representavam 48% do total de migrantes internacionais. Alguns dados indicam que a maior porcentagem de mulheres migrantes encontra-se nas regiões onde o processo migratório já está estabelecido há algum tempo, como é o caso da Europa, da América Latina e do Caribe, lugares onde a migração feminina representa 51% (United Nations, 2013).

O aumento do fluxo migratório feminino está associado a algumas condições vivenciadas pelas mulheres em seus países de origem: falta de oportunidades de trabalho, divórcio ou separação, desejo por mais autonomia e a diminuição das

restrições sociais de mobilidade das mulheres, dentre outras. Estas condições, aliadas à possibilidade de melhores oportunidades de emprego no país de destino, contribuíram para a participação de mais mulheres nos movimentos migratórios. Como resultado, houve um reconhecimento da importância das questões de gênero na migração internacional (Benería, Deere, & Kabeer, 2012). Também é importante ressaltar que as mulheres experienciam os fenômenos de maneira diferente dos homens, precisando lidar com especificidades ligadas ao gênero (Horton, 2012).

Além disso, desde o terremoto em 2010, a migração haitiana passa por um processo de feminização, pois houve aumento no número de mulheres migrando. Observa-se que neste processo, muitas destas mulheres têm migrado de forma autônoma (Wooding & Petrozziello, 2013). A imigração haitiana não segue o padrão internacional das migrações, no qual a proporção de indivíduos do sexo masculino é maior. No Rio Grande do Sul, a participação das mulheres no fluxo migratório haitiano cresceu após a segunda geração de imigrantes, que incorporou também uma participação maior de imigrantes crianças, adolescentes e de idade mais avançada (Uebel, 2015).

Embora sua participação na composição populacional do Haiti seja maior e tenham certa representatividade no fluxo migratório do Rio Grande do Sul, as mulheres haitianas estão menos inseridas no mercado de trabalho do que seus companheiros (Uebel, 2015). Elas passam por dificuldades para reconhecer seus diplomas haitianos ou dos cursos realizados na República Dominicana, contribuindo para a diminuição de opções de trabalho. Isso leva, muitas vezes, as mulheres a terem que recorrer apenas a empregos no setor do trabalho doméstico. Neste tipo de atividade, o baixo salário, a exploração da mão de obra e as discriminações de

gênero, de classe, de raça e de etnia fazem com que as mulheres haitianas mudem de emprego em busca de melhores salários e de bem-estar social (Handerson, 2015).

Em um estudo realizado na Espanha com cinco mulheres imigrantes de diferentes países foi observado que suas narrativas inicialmente marcavam sentimentos de culpa, desvalor e resignação etc. Posteriormente suas falas traziam sentimentos de liberdade, autonomia, força etc. Considerou-se que as subjetividades emergentes produzidas através de suas experiências migratórias e de violência de gênero permitiram uma transformação. Este processo foi mobilizado por situações de rupturas familiares, de imigração para outro país, ao perceber que os filhos não estão bem e ao buscar melhores condições de vida. Em alguns casos houve também rupturas com o sistema patriarcal e o começo de subjetividades transgressoras a este sistema (Albertín-Carbó, 2016).

Desta forma, uma das maiores questões dos estudos com mulheres imigrantes é desafiar e confrontar a representação destas mulheres como exclusivamente vítimas e passivas. A potencialização e a mobilização coletiva de setores marginalizados como o das mulheres são elementos vitais para garantir que as perspectivas e necessidades das mulheres não sejam excluídas. Entretanto, é preciso identificar e apoiar suas capacidades e potenciais, além de suas necessidades (Horton, 2012).

As pesquisas descritas acerca da imigração feminina nos mostram que houve um significativo aumento do fluxo migratório de mulheres, e que elas formam um grupo vulnerável em situações adversas como desastres naturais, processos migratórios. As produções teóricas sobre o tema também afirmam que a experiência

das mulheres sobre determinado fenômeno é diferente da experiência vivida pelos homens, pois elas precisam lidar com especificidades ligadas ao gênero. Estes dados nos mostram um panorama objetivo das migrações femininas.

Para entender este fenômeno a partir de uma perspectiva subjetiva da experiência migratória das mulheres, como no estudo de Albertín-Carbó (2016), optou-se por realizar uma pesquisa qualitativa com mulheres haitianas. Na abordagem qualitativa o estudo volta-se para o conhecimento dos complexos processos que constituem a subjetividade (González Rey, 2002).

Na pesquisa qualitativa a definição do objeto de estudo está ligada à sua natureza ontológica. O estudo dos determinantes qualitativos da pesquisa, de acordo com González Rey (2002, pg. 47) se define “ (. . .) pela busca e explicação de processos que não são acessíveis à experiência, os quais existem em inter-relações complexas e dinâmicas que, para serem compreendidas, exigem o seu estudo integral e não sua fragmentação em variáveis. ”

O objeto de estudo desta pesquisa é o fenômeno migratório das mulheres haitianas. Para compreender este objeto, entrevistei mulheres haitianas que falaram a partir da sua experiência subjetiva acerca deste fenômeno. A fim de compreender este fenômeno foram postulados os seguintes objetivos para a pesquisa: (1) conhecer as diferentes trajetórias de migração de mulheres haitianas e (2) compreender como ocorrem as relações de gênero no processo migratório. Para entrar em contato com estas mulheres iniciei um trabalho voluntário na Paróquia da Pompéia, a qual é responsável pelo Centro Ítalo Brasileiro de Apoio ao Imigrante (CIBAI).

O CIBAI foi criado em 16 de abril de 1958. Após a 2ª Guerra Mundial aproximadamente 12 mil pessoas se deslocaram para outros países e regiões. Neste período a Igreja Católica criou em Porto Alegre a Secretaria Católica de Imigração, que atualmente é conhecida pelo nome CIBAI Migrações e trabalha no acolhimento, regularização dos documentos e acompanhamento dos imigrantes. O CIBAI conta com uma equipe própria composta por duas assistentes sociais e com o serviço voluntário de advogados, psicólogos, enfermeiros, médico, pesquisadores, assistentes sociais, entre outros.

Algumas ações desenvolvidas pela instituição: (a) Acolhimento, promoção jurídica, social e cultural, orientação, apoio e acompanhamento e organização dos migrantes residentes, (b) Informações e encaminhamento a serviços, programas e benefícios sociais; (c) Encaminhamento e ajuda financeira para busca da documentação pessoal no país de origem e tradução oficial; (d) Visitas domiciliares; (e) Doação de alimentos, roupas para migrantes em situação de vulnerabilidade; (f) Cursos profissionalizantes com vistas à geração de renda familiar, entre outras atividades que visam a integração dos imigrantes.

O CIBAI deu especial atenção a numerosa comunidade italiana. Nas décadas de 1970 e 80, com o estabelecimento das ditaduras em países latino-americanos, o CIBAI Migrações dedicou-se também aos latinos que aqui acorriam, fugindo das perseguições. Na década de 90 passou atender orientais e em seguida africanos. Atualmente voltou-se também às centenas de estudantes internacionais que estão em Porto Alegre e municípios vizinho e ao atendimento do fluxo imigratório de haitianos, senegaleses e imigrantes procedentes de outros países africanos e orientais.

Minha inserção como voluntária no CIBAI teve início em junho de 2016, através de um colega que já realizava trabalho voluntário e coleta de dados para sua pesquisa com imigrantes haitianos. A combinação feita com as assistentes sociais do CIBAI foi que para poder coletar os dados de pesquisa, seria disponibilizado um turno de trabalho voluntário para atender imigrantes que por ventura necessitassem algum tipo de atendimento psicológico. Em seis meses foram poucos imigrantes que procuraram algum tipo de atendimento conosco, embora houvessem muitos imigrantes que buscassem auxílio no CIBAI.

O CIBAI funciona de segunda a sexta-feira das 8:30 às 17:30, fechando para o almoço das 11:30 às 13:30. O serviço fica localizado em um edifício junto a Paróquia da Pompéia conhecida por ser a paróquia do imigrante. As grades que circundam a Igreja são abertas no momento que o serviço abre, mas a porta que dá acesso ao CIBAI às vezes está aberta e às vezes fechada. Quando está fechada as pessoas tocam a campainha para entrar. A recepção é uma sala grande com aproximadamente 20 cadeiras disposta em meia lua. A recepcionista fica na sala, onde há água, televisão, panfletos religiosos, orientações sobre a legislação brasileira de trabalho, e alguns livros. Ali as pessoas aguardam atendimento, o qual é realizado por ordem de chegada. O edifício do CIBAI possui muitas salas, nas primeiras salas após a recepção trabalham as assistentes sociais, Rosana e Eliane. As salas do segundo piso são utilizadas para aulas de português, as quais ocorrem quintas-feiras de manhã e sábados o dia todo.

Nós ficávamos na última sala aguardando, caso algum imigrante chegasse em busca de algum auxílio psicológico. Após meses de pouco contato com os imigrantes procuramos conversar com Eliane e Rosana para saber a visão delas a

respeito da pouca procura. Eliane nos colocou que poucos imigrantes em seus países tiveram contato com psicólogos e por não conhecerem está modalidade de atendimento não o buscam. Também nos falou que aqueles imigrantes que elas avaliam com sofrimento psicológico às vezes demonstram uma certa desconfiança em relação ao psicólogo. Ela nos sugeriu que se ficássemos nas salas da frente junto a elas, auxiliando os imigrantes de outras formas, assim talvez fosse mais fácil vencer esta barreira inicial.

Comecei a ficar nas salas da frente com as assistentes sociais, auxiliando-as com o que fosse necessário, fazendo currículo para os imigrantes, preenchendo solicitações de refúgio, renovações de passaporte, entregando alimentos e roupas, entre outras atividades. Esta mudança foi fundamental, pois a partir deste momento passei a ter mais contato com os imigrantes e pude estar a par, bem como participar, da rotina institucional do CIBAI.

Em alguns tipos de pesquisa qualitativa é possível dizer que não há “coleta de dados” e sim trabalho de campo. Nesta modalidade o pesquisador participa ativamente dentro da instituição, comunidade ou grupo de pessoas que está pesquisando, o que auxilia no acesso a fontes importantes de informação informal (González Rey, 2002).

O trabalho de campo possibilita o contato interativo entre pesquisador e pesquisado dentro de um contexto relevante para o sujeito pesquisado. Isto favorece que o pesquisador circule com naturalidade dentro das relações e eventos que fazem parte da vida cotidiana do sujeito (González Rey, 2002). Trabalhar voluntariamente no CIBAI contribuiu na minha aproximação e interação com as imigrantes haitianas. Mas não apenas com elas, pude me aproximar de outros

imigrantes, das pessoas que trabalham no CIBAI, de outros voluntários e todas estas informações foram importantes na construção do conhecimento desta pesquisa. Estas informações foram anotadas no diário de campo.

O projeto desta pesquisa propunha que durante o período do voluntariado toda imigrante haitiana que buscasse a paróquia seria convidada a participar do estudo. Os critérios seriam ser mulher, ser haitiana, e falar português. Assim, durante o período de um ano todas as imigrantes haitianas que conheci na paróquia da Pompéia foram convidadas a participar da pesquisa. No total dez imigrantes concordaram em participar. Foram realizadas entrevistas narrativas, cuja a pergunta se reportava a trajetória de migração. Tais entrevistas visam encorajar e estimular a participante a contar a história sobre algum acontecimento importante de sua vida e do contexto social, além de fornecer uma descrição detalhada do processo migratório (Matsudaira, 2006).

Poucas imigrantes recusaram participar da pesquisa. Houve uma situação na qual me aproximei de uma mulher haitiana para convidá-la a participar da pesquisa, antes que pudesse dizer “oi”, um homem, também haitiano, que a acompanhava me interpelou e perguntou o que eu queria. Expliquei a ele sobre a pesquisa e que gostaria de convidá-la a participar. Perguntei se ela era sua esposa e ele disse que não, eram apenas amigos. Sem consultá-la (embora ela estivesse acompanhando nossa conversa) disse que ela não tinha interesse em participar.

Situações como esta, na qual o homem fala pela mulher, eram bem comuns de serem observadas. E muitas vezes este homem não era o marido ou um parente, mas apenas uma figura referência, como um amigo. Posteriormente percebi que a

maioria das mulheres que entrevistei estavam sozinhas, ou acompanhadas por outra mulher.

Em outra situação convidei uma mulher haitiana para participar da pesquisa, ela aceitou. No momento que lhe apresentei o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (versão traduzida para o francês) ela leu e pediu algumas explicações. Expliquei e ela pediu que eu chamasse o marido para que ele explicasse, fiz como ela pediu. Ele explicou o termo em francês para ela, pude compreender que ele falou as mesmas coisas que eu havia explicado e disse que ela poderia participar. Mas ela não quis. Não entendi muito bem o que se passou, mas suspeito que tenha sido alguma insegurança em relação ao idioma.

Outra mulher haitiana que convidei disse que não iria participar pois não falava bem português. Disse que poderíamos tentar ainda assim, afinal estávamos conseguindo nos comunicar. Mas ela não aceitou. O que observei foi que a maioria das mulheres haitianas ou não atendia o critério de falar português, ou falavam com muita dificuldade. O Haiti possui dois idiomas oficiais o francês e o *créolé*, muitas mulheres Haitianas falam apenas *créolé* ou falam também francês, mas com dificuldade.

Face a esta barreira idiomática tornou-se ainda mais importante as informações obtidas por outras vias no campo. Cada informação produzida no campo entra em um processo de conceitualização e construção que integra o momento empírico da pesquisa. O trabalho de campo é um espaço onde se produzem muitas ideias que irão constituir o corpo teórico da pesquisa (González Rey, 2002). Muitas destas ideias vieram a partir da orientação, da discussão com os colegas, do diário de campo e das aulas da pós-graduação.

A produção de conhecimento foi contínua, cada entrevista era lida e pensada de forma a ver como as informações poderiam auxiliar na próxima entrevista. E a leitura das entrevistas e discussão na orientação possibilitou a cada nova entrevista diferentes maneiras de se aproximar do objeto de estudo, o fenômeno migratório para as mulheres haitianas. Na tentativa de entender como marcadores de raça, gênero, etnia e classe impactavam na sua trajetória de migração.

Estudos interseccionais oferecem ferramentas analíticas para apreender a articulação de múltiplas diferenças e desigualdades. As diferenças referentes as categorias como raça, gênero, classe e etnia são trabalhadas juntas de maneira a analisar não apenas o que difere entre categorias, mas também como estas diferenças se articulam em contextos específicos. Algumas vertentes dos estudos interseccionais contribuem para analisar a problemática referente a feminização da migração internacional no Brasil (Piscitelli, 2008).

As entrevistas foram gravadas e posteriormente transcritas e analisadas. Para a análise primeiramente foram desenvolvidos indicadores. Um indicador é um elemento ou conjunto de elementos. Com ele o pesquisador consegue estabelecer relações dentro do contexto do sujeito estudado, e então formular uma hipótese. A partir dos indicadores foi possível desenvolver as categorias. Este é um momento essencial na pesquisa qualitativa pois, ela não pode avançar sem estes momentos de integração e generalização que representam a criação de categorias (González Rey, 2002).

A construção informação ocorreu de forma progressiva, alguns dos indicadores tiveram elementos provenientes de diferentes fontes. Como um fato que surgia na entrevista, mas também era observado, e comunicado de outras maneiras

dentro da instituição, por exemplo. Assim, o processo de construção e interpretação acompanhou todos os momentos da pesquisa. A pesquisa era constantemente validada através do processo de consistência interna, no qual com frequência eram avaliadas as formas como estes processos da pesquisa se articulavam entre si e na produção do conhecimento (González Rey, 2002).

Esta dissertação é composta por dois manuscritos, um artigo teórico e um artigo empírico. No primeiro artigo, intitulado “Feminização da migração involuntária no Brasil: intersecções de gênero, raça /etnia e classe”, é realizada uma revisão crítica dos estudos publicados na temática migração feminina no Brasil. Os trabalhos foram analisados através da perspectiva interseccional, que compreende diferentes formas de agenciamento e discriminação, a partir da interação entre diversos modos de subordinação, tais como os relacionados às questões de gênero, raça/etnia, classe. A partir deste estudo foi verificado que, apesar do crescente número de pesquisas acerca da temática, poucas levam em consideração os marcadores mencionados de maneira interseccional.

No segundo artigo, intitulado “Trajetória de migração das mulheres haitianas em Porto Alegre: um estudo qualitativo”, é traçado um panorama sobre a feminização da migração, em especial da imigração haitiana. Afim de fazer uma discussão com a teoria atual sobre migrações são realizadas as análises das entrevistas feitas com as mulheres haitianas. A partir destas análises busca-se compreender como é a trajetória de migração destas mulheres, o que foi encontrado de semelhanças e diferenças com que vem sendo publicado sobre migração de mulheres haitianas. Algumas questões, como idioma, família e trabalho tiveram destaque e foram aprofundadas.

Esta introdução permitiu aos leitores adentrarem no tema das migrações femininas, em especial o caso haitiano. A partir das considerações sobre a metodologia, incluindo o trabalho de campo e as análises do material, será possível uma análise crítica dos artigos que abordam a presente temática.

Referências

- Albertín Carbó, P. (2016). Subjetividades tejidas en historias de violencias de género y procesos migratorios: Lugares liminales de transformación. *Psicoperspectivas*, 15(1), 78-90. doi: 10.5027/psicoperspectivas-Vol15-Issue1-fulltext-721
- Alencar-Rodrigues, R. d., Strey, M. N., & Cantera Espinosa, L. (2009). Marcas do gênero nas migrações internacionais das mulheres. *Psicologia & Sociedade*, 21(3), 421-430. doi: 10.1590/S0102-71822009000300016
- Andreouli, E. (2013). Identity and acculturation: The case of naturalised citizens in Britain. *Culture & Psychology*, 19(2), 165–183. doi: 10.1177/1354067X13478984
- Barbosa, L. S. (2015). *Imigrantes haitianos no Rio Grande do Sul: uma etnografia de sua inserção no contexto sociocultural brasileiro* (Doctoral dissertation, Dissertação de Mestrado)–Universidade Federal de Santa Maria. Santa Maria/RS). Recuperado de http://w3.ufsm.br/ppgcsociais/images/dissertacoes/2013/Lorena%20Salette%20Barbosa_Dissertao%20de%20Mestrado.pdf Acesso em 25/07/2017.
- Barth, F. (1997). *Grupos Étnicos e suas Fronteiras*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP.
- Benería, L., Deere, C. D., & Kabeer, N. (2012). Gender and International Migration: Globalization, Development, and Governance. *Feminist Economics*, 18(2), 1-33. doi: 10.1080/13545701.2012.688998
- Berry, J. W. (1990). Psychology of acculturation: Understanding individuals moving between cultures. In R. W. Brislin (Ed.). *Applied cross-cultural psychology*. Newbury Park, USA: Sage.
- Bhatia, S., & Ram, A. (2009). Theorizing identity in transnational and diaspora cultures: A critical approach to acculturation. *International Journal of Intercultural Relations*, 33(2), 140-149.
- Blackwell, M. & Naber, N. (2002) Interseccionalidade em uma era de globalização: As implicações da Conferência Mundial Contra o Racismo para práticas feministas transnacionais. *Revista de Estudos Feministas*, 10(1), 189-198.

- Bourhis, R. Y., Moïse, L. C., Perreault, S., & Senécal, S. (1997). Toward an Integrative Acculturation Model: A Social Psychological Approach. *International Journal of Psychology*, 32(6), 369-386.
- BRASIL. Lei nº 6815, de 19 de agosto de 1980 (1980). Dispõe sobre a situação jurídica do estrangeiro no Brasil, cria o Conselho Nacional de Imigração. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L6815.htm
- BRASIL. CNIG. Resolução normativa nº 97 de 12/01/2012. Dispõe sobre a concessão do visto permanente previsto no art. 16 da Lei nº 6.815, de 19 de Agosto 1980, a nacionais do Haiti. Disponível em <https://www.legisweb.com.br/legislacao/?id=116083>. Acessado 12/08/2017.
- Brunsma, D., & Picou, J. S. (2008). Disasters in the twenty-first century: modern destruction. *Social Forces*, 87(2), 983-91.
- Creswell, J. W. (2010). *Projeto de Pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto*. (3 ed.). Porto Alegre: Artmed.
- Cogo, D. (2014). Haitianos no Brasil: comunicação e interação em redes migratórias transnacionais. *Chasqui. Revista Latinoamericana de Comunicación*, (125).
- García Ramírez, M., Martínez García, M., & Santolaya-Soriano, F. (2002). Integración social y empleo de inmigrantes. Sevilla: Consejería de Assuntos Sociales, Dirección General de Bienestar Social – Junta de Andalucía – Universidad de Sevilla.
- González Rey, F. L. (2002) *Pesquisa Qualitativa: caminhos e desafios*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning.
- Handerson, J. (2015). Diaspora: Sentidos sociais e mobilidades haitianas. *Horizontes Antropológicos*, 21(43), 51-78. doi: 10.1590/S0104-71832015000100003
- Handerson, J. (2015). Diaspora. As dinâmicas da mobilidade haitiana no Brasil, no Suriname e na Guiana francesa. *Rio de Janeiro: Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social-Museu Nacional/UFRJ*. Recuperado de <http://haitiaqui.provisorio.ws/wordpress/wp-content/uploads/2016/10/JOSEPH-Handerson.-2015.-Di%C3%A1spora.-As-din%C3%A2micas-da-mobilidade-haitiana-no-Brasil-no-Suriname-e-na-Guiana-Francesa.-UFRJ.-Museu-Nacional.-PPGAS.-Rio-de-Janeiro..pdf> Acesso em 07/08/2017.
- Henning, C. E. (2015). Interseccionalidade e Pensamento Feminista: contribuições históricas e debates contemporâneos. *Revista Mediações (UEL)*, (20), 97-128.
- Hermans, H. (2001). The Dialogical Self: Toward a Theory of Personal and Culture Positioning. *Culture & Psychology*, 7(3), 243-280.

- Horton, L. (2012). After the earthquake: gender inequality and transformation in post-disaster Haiti. *Gender & Development*, 20(2), 295-307.
- López, L. C. (2013). A mobilização política das mulheres negras no Uruguai: considerações sobre interseccionalidade de raça, gênero e sexualidade. *Sexualidad, Salud y Sociedad*, (14), 40-65.
- König, J. (2009). Moving experience: Dialogues between personal cultural positions. *Culture & Psychology*, 15(1), 97-119.
- Magalhães, L. F. A., & Baeninger, R. (2016). A imigração haitiana em Santa Catarina: Fases e contradições da inserção laboral. *Blucher Social Sciences Proceedings*, 2(4), 377-388.
- Matsudaira, T. (2006). Measures of psychological acculturation: a review. *Transcultural Psychiatry*, 43(3), 462-487. <http://doi.org/10.1177/1363461506066989>
- Moraes, I. A., de Andrade, C. A. A., & Mattos, B. R. B. (2013). A imigração haitiana para o Brasil: causas e desafios. *Conjuntura Austral*, 4(20), 95-114.
- Peres, R. G., & Baeninger, R. (2017). Mulheres Latino-americanas e Haitianas no Brasil: perfil na imigração internacional. *Anais*, 1-18.
- Piscitelli, A. (2008). Interseccionalidades, categorias de articulação e experiências de migrantes brasileiras. *Sociedade e cultura*, 11(2).
- Pizzinato, A. (2003). *Psicologia em Questão: Reflexões Sobre A Contemporaneidade*. Porto Alegre: EdiPUCRS.
- Prokopiou, E., Cline, T., & Abreu, G. (2012). "Silent" monologues, "loud" dialogues and the emergence of hibernated I-positions in the negotiation of multivoiced cultural identities. *Culture & Psychology*, 18(4), 494-509. doi: 10.1177/1354067X12456885
- Sam, D. L. & Berry, J. W. (2010). Acculturation: When Individuals and Groups of Different Cultural Backgrounds Meet. *Perspectives on Psychological Science*, 5(4), 472-481.
- Santos, F. D. D. (2015). IMIGRAÇÃO HAITIANA AO BRASIL: ESPECIFICIDADES E DISPOSITIVO DE POLÍTICA MIGRATÓRIA EMPREGADO PELO ESTADO BRASILEIRO. Recuperado de <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/128079>. Acessado em 28/07/2017.
- Sarriera, J. C. (2010). *Psicologia Comunitária Estudos Atuais*. Porto Alegre: Sulina.
- Seixas, J. (2014). *Soberania Hobbesiana e hospitalidade em derrida: estudo sobre a imigração haitiana no Acre*. Brasília: Unieuro.
- Silveira, R. S., & Nardi, H. C. (2014). Interseccionalidade gênero, raça e etnia e a lei Maria da Penha. *Revista Psicologia & Sociedade*, 26(spe), 14-24.

- Thomaz, D. Z. (2013). Migração haitiana para o Brasil pós-terremoto: indefinição normativa e implicações políticas. *Primeiros Estudos*, (4), 131-143.
- Uebel, R. R. G. (2015). *Análise do perfil socioespacial das migrações internacionais para o Rio Grande do Sul no início do século XXI: redes, atores e cenários da imigração haitiana e senegalesa* (Tese de doutorado). Instituto de Geociências, UFRGS, Porto Alegre.
- United Nations. (2013). *International Migration Report*. New York, USA: DESA.
- Velasco, C. & Mantovani, F. (2016, 25 de junho). Em 10 anos, número de imigrantes aumenta 160% no Brasil, diz PF. *G1*. Recuperado de: <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2016/06/em-10-anos-numero-de-imigrantes-aumenta-160-no-brasil-diz-pf.html>
- Vilela, E. M., & Sampaio, D. P. (2015). Um olhar sobre as autorizações de permanência a estrangeiros no Brasil, entre 2005 e 2011. *Revista Brasileira de Estudos de População*, 32(1), 25-48.
- Vinente dos Santos, F. (2016). A inclusão dos migrantes internacionais nas políticas do sistema de saúde brasileiro: o caso dos haitianos no Amazonas. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, 23(2).
- Wooding, B. & Petrozziello, A. J. (2013). New Challenges for the Realisation of Migrants' Rights Following the Haiti 2010 Earthquake: Haitian Women on the Borderlands. *Bulletin of Latin American Research*, 32(4), 407-20.

Estudo 1: Feminização da migração involuntária no Brasil: intersecções de gênero, raça /etnia e classe.

Resumo: Neste artigo é realizada uma revisão crítica dos estudos publicados na temática migração feminina no Brasil. Os trabalhos foram analisados através da perspectiva interseccional, que compreende diferentes formas de agenciamento e discriminação, a partir da interação entre diversos modos de subordinação, tais como os relacionados às questões de gênero, raça/etnia, classe. A partir deste estudo foi verificado que, apesar do crescente número de pesquisas acerca da temática, poucas levam em consideração os marcadores mencionados de maneira interseccional.

Palavras-chave: migração feminina; interseccionalidade; revisão crítica.

Introdução

Em uma escala global observa-se que os fluxos migratórios aumentaram nos últimos anos. Entre 1990 e 2000, a cada ano 2 milhões de pessoas migravam. Entre 2000 e 2010 este número subiu para 4,6 milhões de pessoas por ano. Seja por conflitos políticos ou catástrofes naturais, muitas pessoas deixam seus países ou contextos de origem. Na América Latina e Caribe, constatou-se também aumento no número total de imigrantes. Em 2000 o número de imigrantes internacionais era de 6,5 milhões, em 2010 este número subiu para 8,1 milhões e em 2013, 8,5 milhões de imigrantes (United Nations, 2013).

A imigração faz parte do fenômeno da globalização, neste processo economias e culturas influenciam-se e tornam-se mais próximas através do comércio, da imigração e do intercâmbio de informação e ideias. No entanto, em décadas mais recentes, houve a intensificação e aceleração dessas conexões globais, em razão dos avanços nas telecomunicações, do recrudescimento do modelo capitalista neoliberal e do incremento de interdependências financeiras e econômicas através do mundo (Pizzinato, 2003). Assim, pode-se definir o sistema migratório como uma associação, imbuída de certa intenção e acompanhada de um denso tecido de relações sócio-político-econômicas e culturais, que se estabelecem entre uma região receptora de imigração e um conjunto de países emissores de emigração (Sarriera, 2010).

Existem dois modos distintos de migração: voluntária e involuntária. A migração involuntária, a qual é abordada nessa pesquisa, consiste em migrantes que partem após alguma experiência que impossibilita a continuidade da sua vida no

país de origem, tais como guerras e desastres naturais. No Brasil os dois maiores grupos de migrantes involuntários são os de haitianos e senegaleses, de acordo com a Polícia Federal. Segundo Martins-Borges, (2013) nesta distinção está implícita outra diferença, tal como o tipo de trabalho psíquico que o processo de migração involuntária exigirá da pessoa.

As desigualdades sociais e econômicas fazem com que alguns coletivos sociais estejam em posição de maior vulnerabilidade à situações adversas como desastres naturais, processos migratórios, etc (Brunsmá & Picou, 2008). De acordo com o que se configura no panorama de tais situações críticas, as mulheres estão entre os coletivos que mais sofrem desvantagens nos processos de enfrentamento, resistência e recuperação destas situações, uma vez que a condição de vulnerabilização está associada à desigualdades sociais e econômicas pré-existentes, como seus lugares na economia global, seu acesso limitado a bens e salários, falta de suporte do Estado e papéis, responsabilidades e normas relacionadas ao gênero – particularmente o machismo (Horton, 2012).

A feminização na maior parte dos fluxos migratórios é uma realidade presente em todos os panoramas migratórios (Benería, Deere, & Kabeer, 2012). Em 2013, por exemplo, as mulheres representavam 48% do total de migrantes internacionais. Alguns dados indicam que a maior porcentagem de mulheres migrantes encontra-se nas regiões onde o processo migratório já está estabelecido há algum tempo, como é o caso da Europa, da América Latina e do Caribe, lugares onde a migração feminina representa 51% (United Nations, 2013).

A feminização dos processos migratórios é associada à algumas peculiaridades nas condições de possibilidade existencial enfrentadas por boa parte

das mulheres em seus territórios de origem. Dentre elas, destacam-se a falta ou diminuição de oportunidades de trabalho, os processos de divórcio ou separação, o desejo por mais autonomia e a diminuição das restrições sociais de mobilidade das mulheres, dentre outras. Estas condições, aliadas à possibilidade de melhores oportunidades de emprego no país de destino, contribuíram para a participação de mais mulheres nos movimentos migratórios. Como resultado, houve um reconhecimento da importância das questões de gênero na migração internacional (Benería, Deere, & Kabeer, 2012).

Para abordar o tema da interseccionalidade é interessante retomar os escritos de Angela Davis, filósofa e ativista americana. Em seu livro “Mulheres, raça e classe (1981/2016)” vemos um pensamento que visa romper com assimetrias sociais e que busca entender as nuances das opressões. A autora inicia seu trabalho tratando da escravidão e de seus efeitos, principalmente no que concerne a mulher negra e a forma pela qual foi desumanizada. Davis (1981/2016, pg. 35) descreve o sistema escravagista e como este era especialmente cruel com as mulheres negras:

As mulheres negras eram iguais a seus companheiros na opressão que sofriam; eram socialmente iguais a eles no interior na comunidade escrava; e resistiam à escravidão com o mesmo ardor que eles. Essa era uma das grandes ironias do sistema escravagista: por meio da submissão das mulheres à exploração mais cruel possível, exploração esta que não fazia distinção de sexo, criavam-se as bases sobre as quais as mulheres negras não apenas afirmavam sua condição de igualdade em suas relações sociais, como também expressavam essa igualdade em atos de resistência. (. . .) é importante lembrar que os castigos infligidos a elas ultrapassavam em

intensidade aqueles impostos aos homens, uma vez que não eram apenas açoitadas e mutiladas, mas também *estupradas*.

A partir da citação vemos que a opressão das mulheres era idêntica à dos homens. Contudo, as mulheres ainda sofriam abusos sexuais e outros tipos de maus-tratos que só poderiam ser infligidos e elas por serem mulheres. Estas vivências afetaram profundamente a mulheres negras. Muitas delas ficaram abaladas e destruídas, mas muitas também sobreviveram e transmitiram para suas descendentes do sexo feminino, um legado de trabalho duro, perseverança e autossuficiência, que possibilitou uma luta de resistência e insistência na igualdade sexual. Este legado também deu condições para uma nova condição da mulher (Davis, 1981/2016).

Ao longo da década de 1830, mulheres brancas foram ativamente atraídas para o movimento abolicionista. Para as mulheres brancas do Norte, tanto as donas de casa de classe média quanto as jovens operárias, a escravidão passou a ser evocada como metáfora para expressar suas opressões. Isto criou uma afinidade com as mulheres e homens negros. Assim, em 1833 na convecção de fundação da Sociedade Antiescravagista Estadunidense já havia um número considerável de mulheres brancas simpatizantes à causa da população negra. O suficiente para estabelecer um vínculo entre dois grupos oprimidos (Davis, 1981/2016).

Através deste percurso histórico realizado por Davis (1981/2016) percebemos que hierarquizar opressões não auxilia no entendimento de questões sociais. Mas se observarmos o que ocorre na intersecção destas opressões, podemos alcançar uma compreensão mais ampla de nosso objeto de estudo.

Os estudos interseccionais surgem mais fortemente no final da década de 1990, quando emergem categorias que aludem à multiplicidade de diferenciações, como gênero, raça, classe, nacionalidade. São as categorias de articulação e as interseccionalidades (Piscitelli, 2008).

Em algumas teorias interseccionais foi a partir de reformulações críticas do conceito de gênero que surgiu a necessidade de considerar conjuntamente classe, raça e gênero. No entanto, nesta vertente teórica a categoria gênero seguiu sendo privilegiada. Diante da insatisfação com a centralidade da categoria gênero autoras feministas que trabalham com teoria pós-colonial sinalizaram a importância de articular gênero não apenas a sexualidade, raça, classe, mas também a religião e nacionalidade (Piscitelli, 2008).

No cenário dos estudos interseccionais algumas autoras se destacam, dentre elas Kimberle Crenshaw, advogada, que realiza uma leitura de inclinação mais sistêmica sobre a teoria interseccional, e Avtar Brah, socióloga, que trabalha a partir de uma abordagem construcionista na interseccionalidade.

Em seus estudos Crenshaw (2006) busca apresentar uma estrutura que permita identificar a discriminação racial e a discriminação de gênero, de modo a compreender como estas operam juntas, limitando a chance de sucesso das mulheres negras. Para esta autora a interseccionalidade sugere que nem sempre lidamos com grupos distintos de pessoas e sim com grupos sobrepostos.

Crenshaw (2006) traz um exemplo para pensarmos a intersecção de categorias de análise, em uma perspectiva não aditiva e nem hierárquica, que pode ajudar a entender a classe de pensamento defendida aqui. Diz que no século XIX, o estupro era considerado um crime racial nos Estados Unidos, pois um processo por

estupro poderia ser anulado se não ficasse provado que a vítima era branca. No exemplo vemos que na intersecção da categoria gênero e raça a mulher negra está exposta a um tipo de violência que a mulher branca não está, de não ter seus direitos reconhecidos em um caso de estupro.

A partir do estudo dos feminismos “negro” e “branco” Brah (1996/2006) propõem pensarmos mais profundamente a questão da diferença. A autora (1996/2006, p.358) questiona: “ (. . .) quem define a diferença, como diferentes categorias de mulheres são representadas dentro dos discursos da “diferença” e se a “diferença” diferencia lateral ou hierarquicamente. ” Tendo como base questões como essas Brah levanta uma problemática mais ampla sobre a diferença como categoria analítica. Ela propõe quatro maneiras como a diferença pode ser conceituada: diferença como experiência, diferença como relação social, diferença como subjetividade e diferença como identidade.

Nos estudos de Brah, percebemos como a diferença nem sempre é um marcador de hierarquia nem de opressão. Para compreender melhor uma diferença uma pergunta pode ser feita, esta diferença remete à desigualdade, opressão, exploração. Ou, ao contrário, ela remete a igualitarismo, diversidade, ou a formas democráticas de agência política. Desta forma, partir do estudo mais amplo da diferença observamos que na intersecção de categorias não apenas vulnerabilidades podem surgir, mas também formas de agenciamento (Piscitelli, 2008).

Alguns estudos (Henning, 2015; Silveira & Nardi, 2014; López, 2013; Blackwell & Naber, 2002) já têm articulado os marcadores gênero e raça de maneira interseccional. Uma pesquisa (López, 2013) com mulheres uruguaias

afrodescendentes descreveu que no que concerne a sexualidade das mulheres afrodescendentes não se pode excluir o impacto do racismo e dos estereótipos que reproduzem a desigualdade social. Quando os eixos sexualidade, raça e gênero estão vinculados, a denúncia de violência simbólica e física sobre os corpos destas mulheres tem a possibilidade de se constituir como demanda diante do Estado.

Já Silveira e Nardi, (2014), particularmente, optam por trabalhar os conceitos gênero, raça e etnia em situações de violência contra as mulheres nas relações de intimidade através da interseccionalidade. Desta maneira priorizam a experiência, e a forma como as pessoas vão constituindo-se nas situações as quais estão implicadas. A interseccionalidade dos marcadores gênero, raça e etnia cria possibilidades que ao aborda-los de maneira separada não seria possível.

Das pesquisas realizadas neste campo, poucas têm seu enfoque voltado para a especificidade do fluxo migratório de mulheres, assim este trabalho visa realizar uma revisão crítica dos estudos publicados na temática migração feminina no Brasil.

Método

Para tanto, foi realizada uma pesquisa sobre a temática na base de dados online Scielo (*Scientific Electronic Library Online*) e na ferramenta de busca Google Acadêmico. Optou-se por estas bases de dados pois elas possuem amplo alcance, possibilitando que mais artigos pudessem ser encontrados sobre o tema. As buscas por artigos foram restritas ao período de 10 anos, de 2017 até 2007. E foram utilizadas as seguintes palavras-chave (descritores): mulheres, migração internacional, gênero e Brasil.

Foram selecionados 10 artigos que preenchem os seguintes critérios: estudo empírico, sobre mulheres estrangeiras, realizado no Brasil e publicados em língua portuguesa, pois gostaríamos de identificar o que vem sendo produzido particularmente neste idioma. Foram excluídas as 2 duplicidades e os artigos sem resumo (3). Um total de 5 artigos foram selecionados atendendo a esses critérios.

Artigos

Os três primeiros artigos a serem analisados são produções da autora Delia Dutra. No primeiro artigo, "*Mulheres, Migrantes, Trabalhadoras: a Segregação no Mercado de Trabalho*" (Dutra, 2013), são analisadas experiências de mulheres migrantes em diversos países, centrando a reflexão na dimensão do trabalho no contexto do processo migratório feminino internacional.

A pesquisa insere-se em um projeto mais amplo desenvolvido, no Centro Scalabriniano de Estudos Migratórios – CSEM. Neste estudo, além da dimensão do trabalho, também são abordados temas como: a família, o acesso aos serviços, as políticas migratórias, a religião e as perspectiva de retorno aos países de origem.

Trata-se de um estudo quantitativo e qualitativo, no qual participaram 107 migrantes: paraguaias no Brasil, brasileiras nos Estados Unidos, haitianas na República Dominicana, colombianas no Equador, filipinas na Itália e nicaraguenses na Costa Rica. As informações foram coletadas através de um questionário, contendo perguntas abertas e fechadas. Sua aplicação ocorreu entre maio e julho de 2012.

Para dialogar com os dados apresentados a autora inicia seu texto pontuando algumas especificidades da migração feminina internacional. Posteriormente,

apresenta o perfil geral do total de migrantes bem como as dificuldades enfrentadas para trabalhar em situação regular de documentação no país de destino. Por fim, a autora analisa a situação de emprego e desemprego vivida pelas migrantes.

É dada ênfase ao eixo gênero, marcando a divisão de trabalho que existe e torna-se mais intensa com a migração das mulheres. Ficando sujeitas a trabalhos comumente associados a mulheres, babá, empregada doméstica, costureira etc. Outros marcadores interseccionais como raça, etnia, e classe acabam ganhando menos destaque que o gênero.

No artigo *“Marcas de uma Origem e uma Profissão: Trabalhadoras Domésticas Peruanas em Brasília”* (Dutra, 2015) a autora analisa como um grupo de mulheres peruanas, trabalhadoras domésticas, vivencia sua experiência migratória na cidade de Brasília. Trata-se de um estudo qualitativo no qual foram realizadas entrevistas de profundidade com dez mulheres migrantes peruanas com mais de três anos de residência na cidade de Brasília. Para as entrevistas foram definidos alguns eixos fundamentais a serem abordados: a origem (lembranças da infância e juventude, família deixada na terra de origem), a família hoje (relacionamento, questão financeira, ressignificações dos afetos), o Brasil (destino escolhido ou não, pré-noções sobre o país) e Brasília (a cidade, as interações com os locais, os espaços públicos e o acesso aos serviços), o trabalho (interações cotidianas, perspectivas, remuneração, espaço e isolamento), ser mulher (na dinâmica do passado-presente-futuro).

O artigo é analisado a partir de uma perspectiva interacionista, buscando compreender os processos de integração social dessas migrantes em Brasília, cidade com características históricas e urbanas particulares. A autora desenvolve

suas reflexões com base na dimensão de gênero, e compreende que sobre a condição de serem mulheres, se sobrepõem outras dimensões como a origem étnica e de classe, que também afetam a experiência de vida em migração.

No fim do artigo, além de identificar uma multiplicidade na autoidentificação (“camponesa”, “indígena”, “peruana”, “excelente cozinheira”, “mãe”, “estrangeira”, “mulher pobre”, “desempregada”) foi observado também os efeitos da interseccionalidade. As sobreposições de condições de vida estigmatizantes: ser mulher, migrante, pobre, traços indígenas, sem acesso a educação formal, resultam em um contexto marcado pela vulnerabilidade.

No artigo “*Mulheres do Sul também migram para o Sul, Paraguias no Brasil*” (Dutra, 2013) a autora analisa experiências vividas por mulheres migrantes paraguias residentes no Brasil. Trata-se de um estudo quantitativo e qualitativo realizado com 20 mulheres paraguias com idades entre 16 e 50 anos. Buscou-se identificar as dificuldades enfrentadas por estas mulheres no âmbito familiar, na vida profissional, as potencialidades de acesso a serviços, as políticas migratórias existentes e compreender quais as perspectivas de retorno ao país de origem.

Para a coleta de informações foi realizado um questionário com perguntas abertas (82%) e perguntas fechadas (18%) sobre a família, o trabalho, o acesso a serviços, as políticas migratórias e as possibilidades de retorno. As respostas foram registradas por pesquisadores responsáveis pela aplicação dos questionários de forma individual e sem a presença de terceiras pessoas. Na pesquisa a autora identificou problemas como segregação ocupacional, discriminação, precariedade nas condições de trabalho, dificuldade de acesso a serviços públicos. E identificou que estas vivências não se apresentam somente para as mulheres migrantes

originárias de países do hemisfério sul que se dirigem para países do hemisfério norte, mas também em mulheres que migram dentro do mesmo hemisfério.

A autora observou a presença de uma forte identidade profissional feminina, pelo fato de todas estarem desempenhando tarefas histórica e culturalmente atribuídas à mulher de origem humilde. Este elemento levou a conclusão de que a experiência migratória não necessariamente trará mudanças significativas na vida profissional das migrantes, que terminam por não usufruir dos benefícios da mobilidade social.

O estudo "*Migrações na Fronteira: A migração de bolivianas pra Corumbá – MS*", realizado por Peres (2015), analisou a migração feminina boliviana para a cidade de Corumbá, no Mato Grosso do Sul, através dos seguintes condicionantes: origem e destino; impactos e especificidades; uso estratégico do espaço e de recursos dos dois lados da fronteira. Trata-se de um estudo qualitativo, onde foram realizadas 17 entrevistas, não há a especificação quanto à idade, local de origem na Bolívia, constituição familiar, motivo migratório e se a mesma migrou sozinha.

O artigo retrata as questões de gênero, porém não em uma perspectiva interseccional, sendo que questões como etnia e classe não são abordadas diretamente no estudo. O estudo trata de uma migração fronteiriça, sendo a temática de ter uma vida dividida entre dois países com diferentes culturas é um dos enfoques centrais. Este movimento migratório, em particular, é predominantemente feminino e a questão das redes estabelecidas entre as mulheres bolivianas que migraram é explorado como uma busca por manter a identidade cultural de origem.

Um dos pontos motivadores deste movimento migratório é a família. Há um planejamento de vida por parte destas mulheres a partir das negociações e do uso estratégico dos espaços da fronteira em prol do casamento e dos filhos. Portanto, ao abordar as particularidades da migração feminina e as diferenças de gênero, a família sempre recebe um papel destacado e que influencia as decisões e rotas a serem seguidas.

O artigo: “*O papel das mulheres migrantes na família transnacional que mobiliza a migração haitiana no Brasil*”, de autoria de Mejía e Cazarotto (2017), trata da crescente presença de um fluxo migratório de mulheres haitianas para o Brasil. O estudo aborda as particularidades e diferenças de gênero, dando especial atenção à questão de projeto familiar, a qual aqui é retratada como aspecto central deste contexto migratório. Trata-se de um estudo etnográfico a partir de um estudo de caso sobre a migração haitiana para o Vale do Taquari no Rio Grande do Sul, não foram especificados o número de participantes.

Questões referentes à classe social e a raça são abordadas, retratando as dificuldades implicadas pela pobreza das mulheres haitianas, alavancadas pela adaptação a um novo contexto, a dificuldade de conseguir emprego, conjuntamente com o preconceito racial e a xenofobia. Outros aspectos abordados são os sentimentos e emoções particulares do processo migratório, conjuntamente ao forte papel que a religião exerce sobre a vida deste grupo.

O papel da mulher imigrante haitiana surge entrelaçado com seu papel familiar, o de esposa, mãe e cuidadora. Questões laborais, prioritárias na vida dos homens imigrantes, tornam-se secundárias na vida das mulheres, que buscam a manutenção familiar, deixando questões individuais em segundo plano.

Discussão

Estudos interseccionais oferecem ferramentas analíticas para apreender a articulação de múltiplas diferenças e desigualdades. As diferenças referentes as categorias como raça, gênero, classe e etnia são trabalhadas juntas de maneira a analisar não apenas o que difere entre categorias, mas também como estas diferenças se articulam em contextos específicos (Piscitelli, 2008).

O artigo “*Mulheres, Migrantes, Trabalhadoras: a Segregação no Mercado de Trabalho*” (Dutra, 2013) propõe-se a analisar experiências migratórias de mulheres de diversas nacionalidades em diferentes países. Esta variedade embora seja abrangente, torna difícil a compreensão de fatores intrínsecos que existem no fenômeno migratório. Pois, dentro deste encontramos o processo de aculturação que se configura como bidimensional, envolvendo orientações aculturativas das pessoas e culturas de origem e acolhida. Este processo implica uma constante negociação de identidades, no qual fatores como as diferentes culturas representadas pelos imigrantes e o posicionamento dos imigrantes frente às representações sociais dominantes encontrarão um diálogo, majoritariamente assimétrico em termos de possibilidades de exercício de poder (Andreouli, 2013).

As diferentes nacionalidades em diferentes contextos dificultam uma análise mais profunda das questões étnicas, raciais e migratórias em cada grupo de mulheres, e como estes fatores impactam em suas vidas. Talvez por isso a categoria gênero tenha sido mais abordada do que outras. Estudos interseccionais buscam enxergar a sobreposição destas categorias (Crenshaw, 2004), tentam compreender o que ocorre na vida de uma pessoa quando o marcador gênero se encontra combinado com um marcador racial, por exemplo.

No artigo “*Marcas de uma Origem e uma Profissão: Trabalhadoras Domésticas Peruanas em Brasília*” (Dutra, 2015) percebeu-se que uma abordagem interseccional foi possível pois se trata de um estudo com mulheres de uma mesma etnia (peruana) em uma mesma cidade, tornando assim mais fácil olhar para as intersecções entre gênero, raça e etnia. As entrevistas em profundidade parecem também ter aberto caminhos para a autora compreender melhor como as categorias se articulam, e que vulnerabilidades são passíveis de ocorrer a partir delas.

Neste ponto há uma divergência no campo dos estudos interseccionais. Algumas autoras percebem a intersecção das categorias apenas como algo vulnerabilizador e estigmatizante (Crenshaw, 2004), enquanto outras, para além da fragilidade, veem nestas categorias formas de agenciamento (Piscetelli, 2008). Neste artigo observamos que a autora revela o lado estigmatizante, não ressaltando aspectos destas categorias que podem servir também como formas de agenciamento para as imigrantes.

No artigo “*Mulheres do Sul também migram para o Sul, Paraguaias no Brasil*” (Dutra, 2013), a autora relaciona dois tipos de migração, aquelas que ocorrem dentro do mesmo hemisfério e aquelas onde há migração de um hemisfério para o outro (do sul para o norte). A autora observou que em ambos os fenômenos migratórios as mulheres ocupam trabalhos que há muitos anos tem sido destinado a mulheres, tais como empregada doméstica, babá, costureira, entre outros. Também vivenciaram discriminação, precariedade nas condições de trabalho, dificuldade de acesso a serviços públicos.

Consideramos importante a comparação entre os dois fenômenos, a qual mostrou que formas similares de subjugação ocorrem na migração nestes

fenômenos migratórios. No entanto, observamos também que ao destacar as categorias mulher, paraguaia, indígena, o estudo poderia ter realizado uma articulação entre as categorias com o intuito de dar maior visibilidade aos aspectos vulneráveis ou potenciais que poderiam surgir destas intersecções.

Os estudos “*Migrações na Fronteira: A migração de bolivianas pra Corumbá – MS*” (Peres, 2015) e “*O papel das mulheres migrantes na família transnacional que mobiliza a migração haitiana no Brasil*” (Mejía & Cazarotto, 2017) apontaram a proeminência da temática “família” ao retratar o movimento migratório de mulheres para o Brasil. Conjuntamente com outros fatores, tais como diferenças de gênero, questões culturais e raciais, o papel da mulher dentro do seu contexto familiar e as mudanças oriundas nesta temática com o movimento migratório é o aspecto mais abordado. Embora estes artigos descrevam marcadores, eles não estão articulados entre si, como percebe-se em estudos interseccionais. Compreendemos que um olhar interseccional sobre os marcadores descritos possibilitaria uma análise mais profunda da situação das mulheres migrantes, pois combinar raça e gênero, ou etnia e gênero, e outros nos mostra intersecções que diferem de olhar para a categoria mulher, negra, imigrante em separado.

Os papéis de gênero variam conforme a cultura local e, tais papéis, tendem a ser transportados e mantidos com a migração. Em sociedades que o papel da mulher está fortemente ligado ao trabalho doméstico e aos cuidados da casa e dos filhos, as chances de um protagonismo fora do âmbito familiar são mais escassas e limitadas (Cooke & Baxter, 2010).

Embora seja crescente a autonomia das mulheres nos fluxos migratórios, o trabalho das mesmas sempre foi direcionado às questões tradicionalmente

associadas às mulheres, tais como trabalho doméstico e de cuidados. Sociedades europeias em que os fluxos migratórios são bem mais numerosos e contínuos tem consolidado o papel da mulher estrangeira na profissão de babá e doméstica (Rodrigues, Martins & Martins, 2014).

Nos estudos abordados ao longo desta revisão, a relação entre ser mulher e o papel de cuidadora ocupado na família, juntamente com as oportunidades de trabalho restrita aos domésticos e tradicionalmente ligados a mulher, esteve presente em todos os cinco estudos, independentemente da sua cultura de origem e do local de destino no Brasil. Segundo Silva, Nogueira e das Neves (2010), embora haja um aumento na participação da mulher em esferas públicas, o tempo dedicado aos afazeres domésticos ainda é muito maior, o que resulta em cansaço e estresse. A estruturação familiar ainda se baseia em um modelo em que o homem é o responsável pelo sustento da casa e tal modelo permanece com a imigração. As mulheres imigrantes estão mais suscetíveis a situações de pobreza e desemprego, sendo assim a conciliação entre trabalho, família e distância do país de origem, torna-se o principal desafio para as mulheres imigrantes, estes ainda agravados quando o preconceito se dá presente.

Conclusão

Tendo em vista o processo de feminização da migração descrito no início deste trabalho consideramos a produção científica a sobre a migração feminina no Brasil escassa. Poucos são os artigos que investigam a migração de mulheres estrangeiras para o nosso país. Dentre estes poucos, alguns incluem marcadores

que possibilitam analisar as trajetórias de maneira interseccional, mas nem todos o fazem.

Estudos interseccionais auxiliam na compreensão de diferentes formas de agenciamento e discriminação, pois a partir da interação entre diversos modos de subordinação, tais como os relacionados à questões de gênero, raça/etnia, classe é possível uma visão mais inteira dos caminhos percorridos por estas mulheres imigrantes. O que percebemos nos estudos é que ao tratar do fenômeno migratório apenas a partir da perspectiva de gênero, perde-se parte da experiência da migração na qual há muitos outros elementos incluídos, tais como: cultura dos países, idiomas, cor da pele, tipo de migração, classe social e etc.

Referências

- Andreouli, E. (2013). Identity and acculturation: The case of naturalised citizens in Britain. *Culture & Psychology*, 19(2), 165–183. doi: 10.1177/1354067X13478984
- Aquino Araújo de, A. A. (2016). Limitações e Estratégias de Ação Feminina na Sociedade Haitiana: Categorias de Articulação/Interseccionalidades. *Revista Agenda Social*, 9(2), 19-28.
- Benería, L., Deere, C. D., & Kabeer, N. (2012). Gender and International Migration: Globalization, Development, and Governance. *Feminist Economics*, 18(2), 1-33. doi: 10.1080/13545701.2012.688998
- Brah, A. (2006) Diferença, diversidade, diferenciação. *Cadernos Pagu* 26, p.329-365.
- Brunsmas, D., & Picou, J. S. (2008). Disasters in the twenty-first century: modern destruction. *Social Forces*, 87(2), 983-91.
- Crenshaw, Kimberle W. A interseccionalidade na discriminação de raça e gênero. 2004. Disponível em: <http://www.acaoeducativa.org.br/fdh/wp-content/uploads/2012/09/Kimberle-Crenshaw.pdf>. Acesso em: 30 maio. 2017.
- Cooke, L. P. and Baxter, J. (2010) "Families" in international context: comparing institutional effects across western societies. *Journal of Marriage and Family*, 72 (3). pp. 516-536. ISSN 0022-2445

- Davis, A. (1981/2016). *Mulheres, raça e classe*. São Paulo: Boitempo.
- Dutra, D. (2015). Marcas de uma origem e uma profissão: trabalhadoras domésticas peruanas em Brasília. *Caderno CRH*, 28(73).
- Dutra, D. (2013). Mulheres do sul também migram para o sul, paraguaias no Brasil. *Anuario Americanista Europeo*, 11, 93-108.
- Dutra, D. (2013). Mulheres, migrantes, trabalhadoras: a segregação no mercado de trabalho. *REMHU-Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana*, 21(40*), 177-193.
- Horton, L. (2012). After the earthquake: gender inequality and transformation in post-disaster Haiti. *Gender & Development*, 20(2), 295-307.
- Martins-Borges, L. (2013). Migração involuntária como fator de risco à saúde mental. *Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana*, 21(40).
- Mejía, M. R. G., & Cazarotto, R. T. (2017). O papel das mulheres imigrantes na família transnacional que mobiliza a migração haitiana no Brasil. *Revista Pós Ciências Sociais*, 14(27), 171-190.
- Matsudaira, T. (2006). Measures of psychological acculturation: a review. *Transcultural Psychiatry*, 43(3), 462-487. <http://doi.org/10.1177/1363461506066989>
- Peres, R. G. (2015). Mulheres na Fronteira: a Migração de Bolivianas para Corumbá-MS. *Territórios e Fronteiras*, 8(2).
- Piscitelli, A. (2008). Interseccionalidades, categorias de articulação e experiências de migrantes brasileiras. *Sociedade e cultura*, 11(2).
- Pizzinato, A. (2003). *Psicologia em Questão: Reflexões Sobre A Contemporaneidade*. Porto Alegre: EdiPUCRS.
- Prokopiou, E., Cline, T., & Abreu, G. (2012). "Silent" monologues, "loud" dialogues and the emergence of hibernated I-positions in the negotiation of multivoiced cultural identities. *Culture & Psychology*, 18(4), 494-509. doi: 10.1177/1354067X12456885
- Rodrigues, Sónia, Tiago Martins, and Ângelo Martins. "Família, migração, trabalho doméstico e desigualdades de género." *E-Revista de Estudos Interculturais do CEI* (2014).
- Silva, E. C., Conceição Nogueira, and Sofia Neves. "(Re) Conciliação dos usos do tempo: Imigração, Género e Trabalho-Família." *Revista Psico* 41 (2010): 456-462.
- Sarriera, J. C. (2010). *Psicologia Comunitária Estudos Atuais*. Porto Alegre: Sulina.
- United Nations. (2013). *International Migration Report*. New York, USA: DESA.

Estudo 2: Trajetória de migração das mulheres haitianas em Porto Alegre: um estudo qualitativo

Resumo:

O presente estudo tem por perspectiva analisar a experiência de mulheres haitianas no processo migratório para o sul do Brasil, tendo como ênfase o marcador social de gênero. Através de entrevistas narrativas realizadas com dez participantes e do acompanhamento de um serviço de atendimento à população migrante durante um ano, foi possível perceber uma rede de aspectos discursivos que compõem as condições de possibilidade para a migração de mulheres haitianas. Foi possível perceber que figuram, em especial, as dimensões: *a identidade haitiana, migração autônoma, migração acompanhada, a barreira do idioma*, como marcadores importantes na significação do “ser migrante”.

Palavras-chave: migração; mulheres haitianas; gênero.

Introdução

Nos últimos anos têm se enfatizado que desigualdades sociais e econômicas fazem com que determinados grupos sejam mais vulneráveis em situações adversas como desastres naturais, processos migratórios, etc (Brunsma & Picou, 2008). Um destes grupos é o das mulheres, possuindo elas desvantagens no processo de reconstrução e até recuperação. Estas vulnerabilidades estão relacionadas a desigualdades sociais e econômicas pré-existentes, como seus lugares na economia global, seu acesso limitado a bens e salários, falta de suporte do Estado e papéis, responsabilidades e normas relacionadas ao gênero (Horton, 2012).

Desde a década de 1990, observa-se o fenômeno da feminização na maior parte dos fluxos migratórios (Benería, Deere, & Kabeer, 2012). Em 2013, as mulheres representavam 48% do total de migrantes internacionais. Alguns dados indicam que a maior porcentagem de mulheres migrantes encontra-se nas regiões onde o processo migratório já está estabelecido há algum tempo, como é o caso da Europa, da América Latina e do Caribe, lugares onde a migração feminina representa 51% (United Nations, 2013).

O aumento do fluxo migratório feminino está associado a algumas condições vivenciadas pelas mulheres em seus países de origem: falta de oportunidades de trabalho, divórcio ou separação, desejo por mais autonomia e a diminuição das restrições sociais de mobilidade das mulheres, dentre outras. Estas condições, aliadas à possibilidade de melhores oportunidades de emprego no país de destino, contribuíram para a participação de mais mulheres nos movimentos migratórios. Como resultado, houve um reconhecimento da importância das questões de gênero na migração internacional (Benería, Deere, & Kabeer, 2012).

Desde o terremoto em 2010, a migração haitiana passa por um processo de feminização, pois houve aumento no número de mulheres imigrando. Observa-se que neste processo muitas destas mulheres têm imigrado de forma autônoma (Wooding & Petrozziello, 2013). No Rio Grande do Sul, a participação das mulheres no fluxo migratório haitiano cresceu após a segunda geração de imigrantes, que incorporou também uma participação maior de imigrantes crianças, adolescentes e de idade mais avançada (Uebel, 2015).

Ainda que sua presença na composição populacional do Haiti seja maior que a masculina com representatividade no fluxo migratório do Rio Grande do Sul, as haitianas ainda são invisibilizadas no mercado de trabalho (Uebel, 2015). Assim como acontece com os haitianos, as haitianas passam por dificuldades para reconhecer seus diplomas haitianos ou dos cursos realizados na República Dominicana. Tal processualidade, somada às maiores dificuldades de acesso à escolarização – contribuem para incrementar a precariedade laboral, contribuindo para a diminuição de opções de trabalho, incidência de menores remunerações e marginalização econômica, mantendo-as no mercado informal ou em empregos no setor do trabalho doméstico. Neste tipo de atividade, o baixo salário, a exploração da mão de obra e as discriminações de gênero, de classe, de raça e de etnia fazem com que as mulheres haitianas tenham uma trajetória laboral ainda mais instável (Handerson, 2015).

Peres e Baeninger (2017), através de dados levantados pelo Sistema Nacional de Cadastro e Registro de Estrangeiros (SINCRE), colocam que mesmo com um processo migratório predominantemente masculino, o número de mulheres haitianas é significativo, no entanto tais mulheres têm pouca visibilidade nesta

imigração. As autoras apontam a precariedade no trabalho como uma das possíveis razões para esta invisibilidade. Observam que a partir do total de 4.425 imigrantes haitianas residentes no Brasil, 906 encontram-se sem ocupação e 759 em ocupação não classificável. As autoras também descrevem que 71% das mulheres haitianas registradas no país são solteiras e 25,3% delas são casadas. E com base nestes dados compreendem que as mulheres haitianas não vêm ao Brasil apenas no papel de agentes de reunificação familiar ou de cônjuges.

Em reflexão acerca da situação de desigualdade de gênero na sociedade haitiana, Araújo (2015) coloca que existem nos aspectos culturais ações de negação de acessos a uma série de facilidades, bem como de violações auferidas à figura feminina, sendo estes resultantes de uma estrutura machista. Ao mesmo tempo percebe-se que o papel da mulher é fundamental na quebra destas estruturas de poder. As mulheres haitianas, ao não se contentarem com a realidade imposta pela estrutura, encontram possibilidade de ação e mudança.

Desde 1990 a diáspora haitiana é tema de diversos estudos. O fluxo migratório já foi acentuado para os Estados Unidos, França, Canadá e Caribe. O Ministério dos Haitianos Residentes no Exterior estima que há cerca de 4 a 5 milhões de haitianos em mobilidade, em termos globais, o que representa a metade da população haitiana, estimada em 10.413.211, em 2013. (Handerson, 2015).

Segundo Handerson (2015) o termo diáspora merece novos estudos, em razão dos constantes fluxos de mobilidade da população haitiana. Observa-se que o sonho da maioria dos haitianos é “pati” (partir) ou “vwayaje” (viajar), o que resulta que em quase todas as famílias há algum membro em país estrangeiro. Tal fato origina-se ainda no período colonial, pois a mobilidade se fez presente na vinda de

africanos escravizados, por meio do comércio transatlântico. Posteriormente, com a luta pela independência, e com a libertação dos escravizados, constituiu-se um novo costume de mobilidade e imigração.

Na situação das diásporas as identidades se tornam múltiplas. Pensar o conceito fechado de diáspora, apoiado sobre uma concepção binária de diferença não auxilia a compreender estas múltiplas identidades. Ao contrário, é necessário pensarmos a identidade cultural caribenha em significados que são posicionais e relacionais (Hall, 1998/2009). Mejía e Cazarotto (2017 p. 172), ao encontro desta perspectiva teórica, observam que “(. . .) as pesquisas empíricas sobre diáspora haitiana posicionam-se contra o pensamento binário, visto que o local, o nacional e o global são mutuamente constitutivos (. . .).”

No âmbito teórico e metodológico dos estudos de gênero, a migração internacional revela-se um desafio científico. Entende-se que ao incorporar os diferenciais por sexo bem como as relações de gênero às análises de fluxos migratórios, indo além da descrição das diferenças entre homens e mulheres, as teorias de migração avançam no sentido de compreender as experiências das mulheres migrantes em esferas específicas – família, domicílio, mercado de trabalho. (Peres & Baeninger, 2017)

As pesquisas atuais mostram a importância das mulheres no cenário mundial da migração internacional. No entanto este panorama objetivo da migração feminina não possibilita compreender como é subjetivamente a trajetória destas mulheres. O que elas pensam a respeito da migração? Como é deixar seus países e se estabelecer em outro lugar? Quais são as dificuldades e os sentidos que permeiam este processo de migrar? Estas e outras questões foram condensadas em dois

objetivos que norteiam esta pesquisa: (1) conhecer as diferentes trajetórias de migração de mulheres haitianas e (2) compreender como ocorrem as relações de gênero no processo migratório.

Método

Para a realização desta pesquisa¹, foi empreendido um estudo qualitativo. Na pesquisa qualitativa a definição do objeto de estudo está ligada à sua natureza ontológica. O estudo dos determinantes qualitativos da pesquisa, de acordo com González Rey (2002, pg. 47) se define “ (. . .) pela busca e explicação de processos que não são acessíveis à experiência, os quais existem em inter-relações complexas e dinâmicas que, para serem compreendidas, exigem o seu estudo integral e não sua fragmentação em variáveis. ”

O objeto de estudo desta pesquisa é o fenômeno migratório das mulheres haitianas. Para compreender este objeto, foram entrevistadas mulheres haitianas que falaram a partir da sua experiência subjetiva acerca deste fenômeno. Para entrar em contato com estas mulheres a pesquisadora iniciou um trabalho voluntário na Paróquia da Pompéia, a qual é responsável pelo Centro Ítalo Brasileiro de Apoio ao Imigrante (CIBAI).

O CIBAI foi criado em 16 de abril de 1958. Após a 2ª Guerra Mundial aproximadamente 12 mil pessoas se deslocaram para outros países e regiões. Neste período a Igreja Católica criou em Porto Alegre a Secretaria Católica de Imigração, que atualmente é conhecida pelo nome CIBAI Migrações e trabalha no acolhimento, regularização dos documentos e acompanhamento dos imigrantes. O

¹ Esta pesquisa segue as considerações éticas estabelecidas na Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde (CNS), e envolvem a submissão deste projeto à Comissão Científica da Faculdade de Psicologia e ao Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

CIBAI conta com uma equipe própria composta por duas assistentes sociais e com o serviço voluntário de advogados, psicólogos, enfermeiros, médico, pesquisadores, assistentes sociais, entre outros.

Neste período de trabalho voluntário toda imigrante haitiana que buscou a paróquia foi convidada a participar do estudo. Os critérios seriam ser mulher, ser haitiana, e falar português. Assim, durante o período de um ano todas as imigrantes haitianas que compareceram a paróquia da Pompéia foram convidadas a participar da pesquisa. No total dez imigrantes concordaram em participar. Foram realizadas entrevistas narrativas, cuja a pergunta se reportava a trajetória de migração. Tais entrevistas visam encorajar e estimular a participante a contar a história sobre algum acontecimento importante de sua vida e do contexto social, além de fornecer uma descrição detalhada do processo migratório (Matsudaira, 2006).

As entrevistas foram gravadas e posteriormente transcritas e analisadas. Para a análise primeiramente foram desenvolvidos indicadores. Um indicador é um elemento ou conjunto de elementos. Com ele o pesquisador consegue estabelecer relações dentro do contexto do sujeito estudado, e então formular uma hipótese. A partir dos indicadores foi possível desenvolver as categorias. Este é um momento essencial na pesquisa qualitativa pois, ela não pode avançar sem estes momentos de integração e generalização que representam a criação de categorias (González Rey, 2002).

Além da análise das entrevistas, os dados também foram construídos a partir de observações e conversas realizadas com haitianos e as haitianas as quais foram anotadas em um diário de campo. Esta interação possibilitou a pesquisadora uma maior proximidade das situações cotidianas da vida destes imigrantes. As

informações provenientes do diário de campo também auxiliaram a mapear algumas trajetórias de vida de imigrantes haitianos e haitianas.

Discussão

Através das entrevistas e diários de campo realizados, pode-se perceber uma rede de aspectos que circunscrevem a experiência de migração das mulheres haitianas no sul do Brasil. Considerando as diferentes articulações de marcadores sociais envolvidos, podemos perceber que figuram, em especial, as dimensões: *identidade haitiana, migração autônoma, migração acompanhada e barreira do idioma.*

Uma das intersecções que despontam nas narrativas e diários de campo diz respeito a dimensão da nacionalidade e do processo de migração como esfera identificatória. Esse aspecto se mostrou intrinsecamente relacionada a questões familiares e conjugais, entretanto, marca em especial uma trajetória de identificação do *ser haitiana*. Para Eva, por exemplo, essa dimensão identitária é demonstrada em afirmações com efeito de naturalização do processo migratório:

Eva: eu...ah...saiu do Haiti para vir aqui. Eu peguei um avião do Haiti e entrar no Panamá...do Panamá eu...eh: ...como dizer?...Equador...do Equador eu peguei um ônibus... para vir aqui eu passar por um ...eh...de (“efg”)...eu peguei um outro avião para vir aqui para o Brasil...

Pesquisadora: uhum...e por que tu decidiste vir para cá? Ou...no caso...sair do Haiti...

Eva: Porque todo mundo está viajando...e haitiano gosta de viajar...

Após refazer a pergunta, surge uma resposta mais subjetiva, que diz algo sobre o ser haitiano ou haitiana, e identifica a diáspora haitiana. Ao falar sobre a diáspora caribenha Hall (1998/2009) aponta que nesta situação as identidades se

tornam múltiplas, mas existem elos que os conectam a sua origem específica, a sua ilha. Um dos aspectos de ser haitiano ou haitiana parece estar ligado a esta condição de migrante.

De acordo com Handerson (2015) o termo “diáspora” é uma categoria organizadora do mundo, pois designa pessoas, qualifica objetos, dinheiro, casas e ações. Este termo é utilizado para se referir aos compatriotas que residem fora do Haiti. O campo semântico do termo está articulado por três verbos associados a “diaspora”: “residir” no exterior, “voltar” ao Haiti e “retornar” ao exterior.

A fala de Eva ilustra algo que está presente no discurso de todas as imigrantes entrevistadas, que não apenas haitiano gosta de viajar, mas viaja, pois, esta é a opção que lhe resta. A condição de migrante parece estar associada à sua identidade cultural. Como foi apontado por Handerson (2015) a “diáspora” está no campo semântico dos haitianos e organiza o seu mundo.

Eva migrou sozinha do Haiti para o Brasil, e assim como ela fizeram maioria das mulheres haitianas entrevistadas nesta pesquisa. Estes dados corroboram com Peres e Baeninger (2017) que a partir de dados já citados descrevem as mulheres haitianas não apenas no papel de agentes de reunificação familiar ou de cônjuges, mas de pessoas com autonomia sobre suas decisões. Trarei aqui uma breve síntese de cada trajetória de *migração autônoma*.

Luísa mora no Brasil há 4 anos, tem dois filhos, uma menina (9 anos) que mora no Haiti com a avó e um rapaz (17 anos) que mora no Brasil com ela e sua irmã. Luísa foi a primeira de sua família a migrar para o Brasil, após conseguir um emprego comprou passagem para seu filho e sua irmã virem. Agora quer trazer a

filha mais nova. Tem uma irmã mais velha que mora na França e que a incentivou a sair do Haiti.

Carolina está no Brasil há 2 anos e meio. Decidiu vir para o Brasil para “buscar uma vida melhor”. Tem um filho que ficou no Haiti. Ao chegar aqui conheceu um haitiano e tiveram um filho que hoje tem 11 meses. Carolina tem bastante dificuldade para falar português.

Felipa está no Brasil há dois anos, diz que no Haiti “não tem serviço... é muito sofrimento por isso a gente vem aqui...”. Tem um filho de sete anos que mora no Haiti com a avó, ele tem uma doença no coração. Felipa trabalha como auxiliar de serviços gerais em um hospital.

Laudelina está no Brasil há 5 meses e veio em busca de trabalho. No Haiti morava com a família e conta que apenas seu pai trabalhava, nem ela, nem seus irmãos conseguiam trabalho. Ao chegar aqui foi para o Paraná, pois lá vive um primo seu, posteriormente veio para Porto Alegre em busca de emprego. Tem bastante dificuldade no idioma.

Através destas cinco trajetórias podemos observar o protagonismo destas mulheres ao saírem sozinhas de seu país em busca de trabalho e melhores condições de vida para si e para suas famílias. Em pesquisa recente com população de migrantes haitianos no Vale do Taquari, Mejía e Cazarotto (2017) encontraram outro tipo de migração, aqui as mulheres migraram com a família ou com seus maridos. As autoras apontam que neste caso as mulheres haitianas não manifestavam sinais de autonomia, ou seja, não demonstravam capacidade de tomar decisões de forma independente de seus companheiros. E concluíram que a migração não as libertou de repressões familiares.

As trajetórias das mulheres participantes desta pesquisa nos mostram um tipo de migração diferente do descrito por Mejía e Cazarotto. Mulheres que tomam a decisão de migrar e partem neste processo sozinhas, ao passo que as participantes do Vale do Taquari acompanham a família ou o marido nesta decisão.

Durante o período de entrevistas, surgiram trajetórias onde as mulheres não migraram sozinhas, ao menos não em todas as etapas deste processo, *migraram acompanhadas*. Ainda assim é possível perceber um grande protagonismo na vida destas mulheres ao tomarem decisões relacionadas a migração. Nos próximos parágrafos descreverei suas trajetórias.

Esperança está no Brasil há dez meses. Veio do Haiti com a irmã em busca de trabalho. É mãe de duas crianças que ficaram no Haiti com a família.

Teresa está no Brasil há 3 anos. Quando tinha 15 anos migrou do Haiti para a República Dominicana sozinha, foi morar com uma tia que já vivia lá. Lá conheceu seu marido também haitiano, ele migrou para o Equador e ela migrou depois. Posteriormente migraram juntos para o Brasil, pois um primo que já morava aqui disse que aqui poderiam ganhar muito dinheiro.

Antonieta apresenta uma história diferente da trajetória das outras imigrantes haitianas. Pois ao contrário delas, Antonieta não diz ter saído de lá por que vivia mal ou não tinha trabalho. Conta que saiu do Haiti por ter problemas com a família do marido. Juntos eles migraram para a Venezuela, lá começaram a ter dificuldades para conseguir comida, ela diz que isso acontece por causa da situação política do país. Então, grávida de quatro meses ela decide vir para o Brasil, enquanto o marido e a filha mais velha ficam na Venezuela, para cuidar da casa deles. Depois de um tempo Antonieta consegue trazer a filha para morar com ela. Antonieta recebe ajuda

financeira da família que mora no Haiti. Outro ponto que diverge das trajetórias até então apresentadas. Todas as outras mulheres haitianas, tentam ou mandam remessas de dinheiro para o Haiti.

Percebemos que no caso de Esperança, seu processo migratório ocorreu junto com a irmã, aí vemos a decisão de duas mulheres de sair de seu país em busca de trabalho. Teresa migrou sozinha na primeira vez que realizou este processo, quando tinha apenas 15 anos.

Teresa: eu saí por causa (do terremoto) depois não tinha trabalho, não tinha escola também, eu tava estudando... toda escola tinha quebrado não tinha nada. Vieram e disse que ia demorar um ano pra construir tudo daí eu falei: mãe eu tenho que sair (...) E minha mãe tem nove filhos não dá pra criar tudo né. Tudo morava com ela e não dava como, e eu falava mãe eu só vou, sou grande eu posso me cuidar sozinha né {tu é mais velha que os teus irmãos?} NÃOOO eu tenho um mais velho ainda! ((risos)) {ah ta... sim ((risos))} mas eu falei para ela não ficar preocupada com a gente... daí ela falou se tu quer ir vai, daí eu fui morar na República Dominicana {e tu foi sozinha pra lá?} não eu fui com a minha tia {ah com a tua tia... tu não era casada nessa época?} não... eu era soz... solteira, eu era menina também... {quantos anos tu tinha?} eu tinha um... quinze anos {com quinze anos tu saiu do Haiti pra ir morar na República Dominicana?} uhum... é eu era menina... eu era até virgem ainda...

Na sequência da entrevista Tereza esclarece que de fato foi sozinha para a República Dominicana, a tia morava lá há três anos e tinha um restaurante onde ela trabalhava para pagar a escola. Nesta fala vemos como Tereza mesmo muito jovem tomou a decisão de migrar para conseguir continuar os estudos.

Ao questionar o motivo de sair do Haiti quase todas as imigrantes respondem que foi por não conseguirem trabalho no seu país. Aqui estas mulheres também têm passado por dificuldades para conseguir trabalho, das 8 entrevistadas apenas 2

estão trabalhando: Felipa e Teresa. Sobre a vida e o trabalho no Haiti Felipa diz o seguinte:

Pesquisadora: E lá no Haiti tu tinha conseguido trabalho? Como que era a vida lá?

Felipa: Eu nunca trabalhei lá...lá não tem emprego...tem trabalho só pra rico...pobre não consegue nada...

Pesquisadora: Como é que tu vê isso? Que só tem trabalho pra rico?

Felipa: É que lá o governante...lá quase tudo é particular...o governante não ajuda pobre... E se tem (serviço) algum trabalho é só pra rico...

Percebemos pela fala de Felipa que possivelmente os (as) migrantes haitianos (as) são pessoas que no Haiti encontravam-se em situação de pobreza e desamparo. Se não podem contar com o Estado para lhes garantir direitos, como o trabalho e educação então migrar se torna uma saída desta condição de vida.

Outros autores (Mejía & Cazarotto, 2017) descrevem o mesmo sobre os motivos para migrar. Ir para outro país surge como possibilidade de fugir da pobreza e do desemprego em seu país de origem. Ao migrar as mulheres haitianas podem oferecer recursos a seus filhos e familiares próximos, e também para si próprias. Podendo assim viverem com mais conforto e qualidade.

A partir desta ideia de poder ajudar seus familiares, mesmo migrando sozinhas a migração torna-se um projeto familiar, pois as mulheres precisam mandar remessas de dinheiro para família. E caso não consigam fazer isso sofrem como é o caso de Luísa:

Luísa: eu quero trabalhar, para esquecer tudo... se eu estou em casa é muito complicado...

Pesquisadora: E por que é complicado?

Luísa: É complicado porque tem a minha mãe, ela não trabalha, ela está velha... aí minha filha está com ela... só eu que tenho filha com ela. A minha irmã que está na

França tem quatro filhos e estão com ela, só eu que tenho que mandar dinheiro pra elas. E a menina tem que estudar, tenho que pagar táxi para ela, mandar dinheiro para ela... para minha mãe comprar coisas... e lá na escola não tem comida, tem que levar coisas... por isso, minha mãe sempre me liga dizendo que não tem nada lá e eu tenho filha lá com ela, por isso...

Pesquisadora: E o pai dela, não ajuda?

Luísa: Lá no Haiti é assim, separado, as vezes, se eu passar, ele dá um pouquinho, assim...uma coisa assim. E é minha filha, as vezes é assim. (...)

Pesquisadora: Sim, então, por isso que fica essa responsabilidade para ti... ter que mandar o dinheiro para tua mãe poder comprar as coisas

Luísa: Sim... minha mãe não tem casa. Ela tinha uma casa, e o terremoto destruiu a casa. A casa é alugada, a gente, nós três, temos que pagar casa para ela. Cada uma tem que dividir para pagar casa para ela... Tem que trabalhar... Ela sempre está doente e com pressão alta e no médico, temos que mandar dinheiro para ela comprar remédio e por exemplo agora () é pior para mim, porque ela cuida da minha filha... ela... como vou explicar... ela passa bastante miséria (para nós)... não quero que minha mãe passe fome...((choro))

Na fala de Luísa percebe-se o quão sofrido é para ela não conseguir enviar o dinheiro que ajuda a sustentar sua mãe e sua filha. A situação de Luísa vai ao encontro do que dizem Mejía e Cazarotto (2017) sobre a obrigação que as imigrantes haitianas sentem de ajudar seus familiares economicamente e que ao terem dificuldades financeiras para seguir enviando dinheiro se entristecem muito. Esta é a realidade de muitas mulheres haitianas com as quais conversei na paróquia, precisavam de um trabalho, pois havia filhos, ou pais e irmãos que contavam com sua ajuda no Haiti.

Como mencionei anteriormente apenas 2 participantes estavam trabalhando na época das entrevistas, com outras haitianas que conversei pude perceber que a maioria dos trabalhos que encontram são nos setores de limpeza de empresas e hospitais. Handerson (2015) entende a pouca opção de trabalhos está relacionada a

dificuldade que as mulheres haitianas passam para reconhecer seus diplomas ou cursos realizados. Durante o período de coleta de dados, vi algumas situações como esta descrita pelo autor. Contudo, percebi que o maior empecilho para as mulheres haitianas entrarem no mercado de trabalho é a dificuldade com o idioma português. Trago aqui duas situações descritas do diário de campo que poderão mostrar o que foi percebido sobre *a barreira do idioma*.

Rosana atende um homem haitiano que quer trazer os filhos do Haiti. Ela vê com ele a documentação necessária. Pela conversa entendo que a sua mulher já está aqui e ambos trabalham. Pergunto há quanto tempo está aqui, ele responde que há três anos. Pergunto se ele e a sua mulher vieram juntos. Ele diz que não, primeiro ele veio, conseguiu trabalho e depois ela veio. Faz um ano que ela está aqui e há um mês trabalhando. Ambos trabalham como auxiliar de limpeza em locais diferentes. Perguntei se ela fala português, ele riu e disse que não. Perguntei por quê. Ele disse que ela é tímida. Disse também que ele aprendeu a falar português por quê perguntava para as pessoas o que não entendia, pesquisava no Google. Digo que já conversei com algumas mulheres haitianas e percebo que em geral ela tem dificuldade para falar português, pergunto por que ele acha que isso acontece. Ele me responde que as mulheres são tímidas. Pergunto se ele quer dizer que as mulheres haitianas são tímidas. Ele diz que todas são, no Equador as mulheres também eram tímidas e aqui no Brasil (ele para de falar um momento) ... algumas são (Diário de campo – 02/03/17)

Três haitianas chegam acompanhadas de um homem haitiano, elas vêm em busca de trabalho. Quem fala isso por elas é ele. Rosana faz algumas perguntas para elas: qual o seu nome? Há quanto tempo está no Brasil? O homem começa a

traduzir, mas Rosana pede que ele não traduza. Duas delas tem muita dificuldade em compreender e mal conseguem se comunicar em português. A terceira entende um pouco melhor. Através do homem Rosana sabe que todas são casadas e seus maridos trabalham (portanto não estão em situação de extrema vulnerabilidade sem conseguir se sustentar). Rosana começa a falar da importância de primeiro aprenderem o português para depois poderem procurar um trabalho (Diário de campo – 16/03/17)

Na primeira situação, apesar de sua explicação sexista, o homem haitiano tem a mesma percepção que eu tive das mulheres haitianas aprendendo português, de que elas têm mais dificuldade que os homens. Ele riu quando pergunto se sua esposa fala português, sua fala levanta a hipótese de que talvez a barreira idiomática seja algo muito usual entre as mulheres haitianas. A segunda situação mostra algo que era muito comum no CIBAI mulheres haitianas que não falam português em busca de um trabalho.

Tais cenas ganham outro sentido ao olharmos para os papéis de gênero na sociedade haitiana. Lá o crioulo é a língua falada no lar, enquanto o francês é falado nos ambientes institucionais tais como escolar, empresas, órgãos governamentais. Assim, todas as pessoas falam crioulo, mas apenas quem convive nas instituições aprende o francês. Na sociedade haitiana a educação dos meninos costuma ser priorizada, e as meninas ficam limitadas ao ambiente doméstico. Desta forma “as meninas vão ficando defasadas em relação aos meninos no que concerne ao conteúdo escolar, tornando-se cada vez mais difícil a posteriori inserção destas no ensino formal (...)” (Araújo, 2015, pg.22).

Esta defasagem no ensino formal e na aprendizagem do francês parece estar diretamente ligada a dificuldade de as mulheres haitianas aprenderem o português. O que por consequência diminui suas chances de conseguir um emprego, como vimos na segunda situação do diário de campo. Diferente da maioria das mulheres que entrevistei, as haitianas que buscavam um emprego tinham maridos que podiam sustentá-las.

Considerações finais

As discussões levantadas neste estudo mostram algumas dimensões importantes na compreensão da trajetória migratória das mulheres haitianas. No relato de sua trajetória de migração é possível perceber como sua concepção de *identidade haitiana* encontra-se relacionada a condição de migrante. O “pati” (partir) ou “vwayaje” (viajar) estão presentes na fala das mulheres haitianas e encontram nestes verbos a possibilidade de conjugar uma vida no presente.

A *migração autônoma* das mulheres haitianas entrevistadas nesta pesquisa mostrou algo que difere das atuais pesquisas neste campo. Ao passo que algumas pesquisas nos mostram em números a significância das mulheres na migração haitiana, pouco se sabe de suas trajetórias. Com a fala destas mulheres entrevistadas é possível conhecer uma parte de suas trajetórias e o que encontramos são mulheres que protagonizaram a experiência migratória em suas vidas. E fizeram isso ao tomarem a decisão de migrar, ao migrarem sozinhas tornando-se muitas vezes responsáveis pelo sustento da família que ficou no Haiti.

As entrevistas mostraram que mesmo nos casos de *migração acompanhada*, é possível ver este protagonismo nas mulheres, pois sua migração composta de

etapas, passando por diferentes países às vezes incluía trechos onde migravam e tinham que tomar decisões sozinhas.

O trabalho de campo possibilitou tomar contato com imigrantes que não seriam entrevistados e este momento foi fundamental para compreender a barreira do idioma. Muitas mulheres haitianas expressam dificuldade para aprender o idioma português o que pode estar relacionado ao pouco acesso que estas mulheres têm ao ensino formal no Haiti.

Através do que foi exposto é possível perceber que existem especificidades na migração feminina haitiana no Brasil, embora as falas evidenciadas neste estudo tragam novas informações a respeito deste fluxo migratório, ainda há aspectos que precisam ser investigados. Nesta pesquisa busquei compreender o fenômeno migratório das imigrantes haitianas, e as suas falas possibilitaram ver que este é um fenômeno complexo e multifacetado no qual questões como identidade, idioma, relações de gênero encontram-se imbrincadas na subjetivação do processo migratório.

Referências

- Araújo de, A. A. (2016). Limitações e Estratégias de Ação Feminina na Sociedade Haitiana: Categorias de Articulação/Interseccionalidades. *Revista Agenda Social*, 9(2), 19-28.
- Benería, L., Deere, C. D., & Kabeer, N. (2012). Gender and International Migration: Globalization, Development, and Governance. *Feminist Economics*, 18(2), 1-33. doi: 10.1080/13545701.2012.688998
- Brunsmas, D., & Picou, J. S. (2008). Disasters in the twenty-first century: modern destruction. *Social Forces*, 87(2), 983-91.
- González Rey, F. L. (2002) *Pesquisa Qualitativa: caminhos e desafios*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning.

- Hall, S. (1998/2009). *Da diáspora: Identidades e Mediações Culturais*. Belo Horizonte. Editora UFMG.
- Handerson, J. (2015). Diaspora: Sentidos sociais e mobilidades haitianas. *Horizontes Antropológicos*, 21(43), 51-78. doi: 10.1590/S0104-71832015000100003
- Handerson, J. (2015). Diaspora. As dinâmicas da mobilidade haitiana no Brasil, no Suriname e na Guiana francesa. *Rio de Janeiro: Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social-Museu Nacional/UFRJ*. Recuperado de <http://haitiaqui.provisorio.ws/wordpress/wp-content/uploads/2016/10/JOSEPH-Handerson.-2015.-Di%C3%A1spora.-As-din%C3%A2micas-da-mobilidade-haitiana-no-Brasil-no-Suriname-e-na-Guiana-Francesa.-UFRJ.-Museu-Nacional.-PPGAS.-Rio-de-Janeiro..pdf> Acesso em 07/08/2017.
- Horton, L. (2012). After the earthquake: gender inequality and transformation in post-disaster Haiti. *Gender & Development*, 20(2), 295-307.
- Matsudaira, T. (2006). Measures of psychological acculturation: a review. *Transcultural Psychiatry*, 43(3), 462-487. <http://doi.org/10.1177/1363461506066989>
- Mejía, M. R. G., & Cazarotto, R. T. (2017). O papel das mulheres imigrantes na família transnacional que mobiliza a migração haitiana no Brasil. *Revista Pós Ciências Sociais*, 14(27), 171-190.
- Peres e Baeninger, 2017. Mulheres Latino-americanas e Haitianas no Brasil: perfil na imigração internacional. Anais congresso
- Uebel, R. R. G. (2015). *Análise do perfil socioespacial das migrações internacionais para o Rio Grande do Sul no início do século XXI: redes, atores e cenários da imigração haitiana e senegalesa* (Tese de doutorado). Instituto de Geociências, UFRGS, Porto Alegre.
- United Nations. (2013). *International Migration Report*. New York, USA: DESA.
- Wooding, B. & Petrozziello, A. J. (2013). New Challenges for the Realisation of Migrants' Rights Following the Haiti 2010 Earthquake: Haitian Women on the Borderlands. *Bulletin of Latin American Research*, 32(4), 407-20.

Considerações finais

A presente dissertação de mestrado teve como objetivo explorar o fenômeno da imigração de mulheres haitianas no Rio Grande do Sul, buscando investigar suas trajetórias e as relações de gênero no processo migratório. Para tanto, foram realizados dois estudos. Um estudo teórico no qual foi realizada uma revisão crítica dos estudos publicados na temática migração feminina no Brasil. E um estudo empírico no qual foram analisadas entrevistas realizadas com dez mulheres haitianas.

No primeiro estudo, intitulado *“Feminização da migração involuntária no Brasil: intersecções de gênero, raça /etnia e classe”* foram analisados 5 artigos empíricos sobre a migração de mulheres no Brasil. Os trabalhos foram analisados através da perspectiva interseccional, que compreende diferentes formas de agenciamento e discriminação, a partir da interação entre diversos modos de subordinação, tais como os relacionados às questões de gênero, raça/etnia, classe. A partir deste estudo buscou-se compreender a perspectiva interseccional podem auxiliar na compreensão do processo migratório de mulheres estrangeiras no Brasil. Observou-se que, apesar do crescente número de pesquisas acerca da temática, poucas levam em consideração os marcadores mencionados de maneira interseccional.

No segundo estudo, intitulado *“Trajetória de migração das mulheres haitianas em Porto Alegre: um estudo qualitativo”*, tem por perspectiva analisar a experiência de mulheres haitianas no processo migratório para o sul do Brasil, tendo como ênfase o marcador social de gênero. Em suas falas foi observado como ser haitiana encontra-se vinculada a vivência de migração. Também foi visto que suas trajetórias

são marcadas por protagonismo ao decidirem migrar sozinhas para outros países. Mesmo nos casos de migração acompanhada há trechos nos quais percebe-se também o protagonismo das imigrantes.

As mulheres haitianas que não puderam ser entrevistadas têm sua experiência relatada no diário de campo. Nestas mulheres percebeu-se o contrário, suas trajetórias pareciam marcadas por decisões de outras pessoas. Muitas vezes até viajavam sozinhas, mas aqui estava sob a tutela de algum homem, um amigo ou o marido. Nestas mulheres observou-se a dificuldade de falar português, fato que pode estar associado ao pouco acesso que tiveram ao ensino no Haiti. Mas também pode estar relacionado ao fato de terem alguém para apoiá-las, postergando o aprendizado do idioma português.

Ao concluir o trabalho percebo que algumas etapas poderiam ter sido diferentes. Por exemplo, nas entrevistas sempre iniciava perguntando sobre o processo migratório. Hoje penso que, talvez buscado saber mais amplamente sobre suas vidas, poderia encontrar vivências anteriores a migração, que seriam significativas para a compreensão desta. Outro ponto importante a ressaltar é que não foi possível saber da experiência migratória das mulheres que não falavam nem francês, nem português. Ao menos não através delas, por meio da observação pude me aproximar um pouco de sua experiência. Talvez mais tempo observando poderia ter auxiliado a saber da vivência destas mulheres.

O trabalho voluntário que realizei no CIBAI foi muito enriquecedor para a pesquisa, pois tive contato com outros imigrantes que não apenas as mulheres haitianas, isto possibilitou uma visão mais ampla da experiência migratória e de refúgio. Muitas vezes tive a impressão de estar realizando um trabalho que era

apenas “braçal” fazendo currículos, preenchendo solicitações de passaporte ou refúgio. No entanto, foi através deste trabalho que consegui me aproximar dos imigrantes que atendia, fazer perguntas como: “há quanto tempo está aqui? ”, “e a sua família? ” Alguns se limitavam a poucas respostas. Outros logo iniciavam uma conversa sobre a vida aqui, a vida em seus países de origem, por vezes pareciam aliviados em poder conversar. Estas trocas me mostraram o quanto este trabalho não foi apenas “braçal”, mas também de escuta.

Por ser um dos estudos ainda pioneiros em nosso contexto, os resultados aqui discutidos trazem indicativos que poderão ser explorados em futuros estudos, os quais podem investigar mais a fundo os conceitos aqui explorados com outros grupos migratórios em outros contextos. Deste modo, os achados desta pesquisa oferecem um panorama ainda circunscrito e delimitado da realidade das mulheres haitianas em Porto Alegre, mas que pode servir de suporte para pensar políticas públicas e intervenções que visam tanto conscientizar a população brasileira quanto a este tema tão emergente, quanto apresentar possibilidades de acolhimento e fomentação de direitos humanos para a população imigrante e refugiada.

Anexo A – Carta de Aceite do Comitê de Ética

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE
CATÓLICA DO RIO GRANDE
DO SUL - PUC/RS



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: IMIGRAÇÃO HAITIANA NO RIO GRANDE DO SUL: PROCESSOS DE ACULTURAÇÃO E SAÚDE MENTAL

Pesquisador: Adolfo Pizzinato

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 48801115.4.0000.5338

Instituição Proponente: UNIAO BRASILEIRA DE EDUCACAO E ASSISTENCIA

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 1.164.938

Data da Relatoria: 03/08/2015

Apresentação do Projeto:

Trata-se de um projeto elaborado por dois grupos de pesquisa do PPGP/FAPSI que visa estudar a aculturação dos imigrantes Haitianos no Rio Grande do Sul. Ele visa ampliar o conhecimento sobre esta população, principalmente nos aspectos das orientações aculturativas haitianas e da comunidade brasileira que os acolhe, assim como, a saúde mental dos imigrantes. O projeto será desenvolvido a partir de cinco etapas. A primeira etapa visa investigar as orientações aculturativas dos imigrantes haitianos no RS e da comunidade de acolhida. A partir dos resultados da etapa I, será realizada uma etapa qualitativa, com o objetivo de compreender as relações entre os imigrantes e a comunidade de acolhida. As etapas II e III ocorrerão de forma concomitante à etapa I. O objetivo das etapas II e III é de avaliar a prevalência e os fatores associados a problemas de saúde mental na população de imigrantes haitianos no RS. Por fim, a etapa V visa integrar os conhecimentos adquiridos através das etapas anteriores, verificando a relação entre as orientações aculturativas dos imigrantes e da comunidade de acolhida e a saúde mental dos imigrantes.

Objetivo da Pesquisa:

Aproximar-se da realidade migratória de haitianos no Rio Grande do Sul quanto as orientações aculturativas e de saúde mental.

Endereço: Av. Ipiranga, 6681, prédio 40, sala 505
 Bairro: Partenon CEP: 90.619-900
 UF: RS Município: PORTO ALEGRE
 Telefone: (51)3320-3345 Fax: (51)3320-3345 E-mail: cep@puors.br

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE
CATÓLICA DO RIO GRANDE
DO SUL - PUC/RS



Continuação do Parecer: 1.164.938

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Os riscos são mínimos, porém entendemos que por se tratar de temáticas que envolvem saúde mental, isto poderia mobilizar emocionalmente os participantes. Caso seja identificada a necessidade, os participantes serão encaminhados para o Sistema Único de Saúde ou para o atendimento psicológico nos dois ambulatórios clínicos gratuitos oferecidos pela Faculdade de Psicologia da PUCRS (NEPTE E SAPP). Ainda que não haja um benefício direto aos participantes, os mesmos irão contribuir com a produção de conhecimento e para a integração, identificação das características e promoção da visibilidade do grupo de imigrantes. Também, ao passarem por uma avaliação de saúde mental, os participantes receberão os devidos encaminhamentos, o que é compreendido como uma ação de promoção de saúde.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Projeto escrito de forma detalhada, clara e os objetivos bem definidos.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

O TCLE para os imigrantes Haitianos será apresentado no idioma Francês e para os participantes brasileiros que fazem o acolhimento será apresentado o TCLE em português.

Recomendações:

Considero um protocolo adequado quanto as questões éticas. Será empregado instrumentos validados e os pesquisadores cuidaram quanto aos aspectos culturais de idioma e linguagem acessível.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Trata-se de um projeto que ira investigar como se processa a aculturação de imigrantes Haitianos no Rio Grande do sul.

Não foi identificado inadequações éticas.

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Considerações Finais a critério do CEP:

Endereço: Av. Ipiranga, 6681, prédio 40, sala 505
Bairro: Partenon CEP: 90.619-900
UF: RS Município: PORTO ALEGRE
Telefone: (51)3320-3345 Fax: (51)3320-3345 E-mail: cep@pucrs.br

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE
CATÓLICA DO RIO GRANDE
DO SUL - PUC/RS



Continuação do Parecer: 1.164.938

PORTO ALEGRE, 30 de Julho de 2015

Assinado por:
Rodolfo Herberto Schneider
(Coordenador)

Endereço: Av. Ipiranga, 6681, prédio 40, sala 505
Bairro: Partenon CEP: 90.619-900
UF: RS Município: PORTO ALEGRE
Telefone: (51)3320-3345 Fax: (51)3320-3345 E-mail: cep@puors.br

Anexo B – Termos de Consentimento Livre e Esclarecido

Terme de Consentement Libre et Éclairé

Cher participant, chère participante:

On vous invite à participer à la recherche “Immigration haïtienne au Rio Grande do Sul: procès d'acculturation et santé mentale”. Nous sommes membres des Groupes de Recherche Cognition, Emotion et Comportement et Identités, Récits et Communautés de Pratique du Programme de Post-graduation en Psychologie de la Pontificale Université Catholique du Rio Grande do Sul. Nous sommes en train de réaliser une recherche sous la coordination des Professeurs Directeurs de Recherche Christian Kristensen et Adolfo Pizzinato, dont l'objectif est d'enquêter le procès d'adaptation culturelle, autant par la perception des immigrants que de la communauté brésilienne locale et évaluer la santé mentale d'immigrants haïtiens au Rio Grande do Sul. Si vous êtes d'accord pour participer de la recherche, vous serez invité à répondre à quelques instruments d'évaluation psychologique au cours d'une séance d'une durée d'environ une heure et demie. Ces instruments vont évaluer la façon dont vous interprétez certains événements importants de votre vie et comment vous faites face à eux, comme par exemple l'immigration, aussi bien que les niveaux d'anxiété, dépression et symptômes de Syndrome de Stress Post-traumatique. Certains des participants peuvent être invités à participer également à un entretien sur le même sujet. Si vous êtes invité et que vous décidez de participer, vous devez savoir que l'enquête se déroulera sur une durée de 50 minutes et sera enregistrée.

La participation à cette étude est volontaire et si vous décidez de n'y pas participer ou si vous voulez désister de continuer à n'importe quel stage de la recherche, vous aurez toute la liberté de le faire. A l'occasion de la publication des résultats de cette enquête, votre identité ne sera jamais révélée. Toutes les informations qui peuvent mener à votre identification seront omises et ignorées. Si, pourtant, à n'importe quelle phase de cette recherche, vous présentez un risque grave capable de causer du mal à vous-même ou à quelqu'un d'autre, la confidentialité de vos données sera rompue et quelqu'un de votre famille/responsable pour vous sera contacté et informé sur votre condition, pour assurer votre bien-être. Pour cela, nous vous demandons de remplir les données du membre de votre famille /responsable dans l'espace correspondant à la fin de ce Terme de Consentement. Même s'il n'y a aucun bénéfice direct concernant votre participation, indirectement vous êtes en train de contribuer à la compréhension du phénomène étudié et à la production de connaissance scientifique. N'importe quels doutes relatifs à la recherche pourront être expliqués ou répondus par le chercheur par les téléphones 81002602 ou 33203633 poste 7741 ou par l'entité responsable – Comité d'Étique en Recherche de la PUCRS: Av. Ipiranga 6681, Bâtiment 40 - Salle 505, téléphone 33203345.

Prof. Dr Adolfo Pizzinato
Immatriculation:10082814

Lieu et date

Je suis d'accord pour participer de cette étude et je déclare avoir reçu une copie de ce terme de consentement.

Nom et signature du participant

Lieu et date

Téléphone de contact:

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Prezado(a) participante:

Você está sendo convidado a participar da pesquisa “Imigração haitiana no Rio Grande do Sul: processo de aculturação e saúde mental”. Somos membros dos Grupos de Pesquisa Cognição, Emoção e Comportamento e Identidades, Narrativas e Comunidades de Prática do Programa de Pós-graduação em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Estamos realizando uma pesquisa sob coordenação dos Professores Orientadores Christian Kristensen e Adolfo Pizzinato, cujo objetivo é investigar o processo de aculturação, tanto pela percepção dos imigrantes como da comunidade brasileira local e avaliar a saúde mental de imigrantes haitianos no Rio Grande do Sul. Se você consentir em participar da pesquisa, será submetido a responder alguns instrumentos de avaliação psicológica em uma sessão com duração de aproximadamente 45 minutos. Estes instrumentos visam identificar como você se relaciona e percebe os imigrantes de sua cidade, assim como questões relacionadas a sua qualidade de vida. Alguns dos participantes, além disso, serão convidados a participar de entrevistas sobre o mesmo tema. Caso seja convidado(a) e decida participar, é importante saber que as entrevistas serão gravadas e terão duração de aproximadamente 50 minutos.

A participação nesse estudo é voluntária e se você decidir não participar ou quiser desistir de continuar em qualquer momento, tem absoluta liberdade de fazê-lo. Na publicação dos resultados desta pesquisa, sua identidade será mantida no mais rigoroso sigilo. Serão omitidas todas as informações que permitam identificá-lo(a). Se, contudo, em algum momento durante a pesquisa, você apresentar risco grave de causar dano a si mesmo ou a outra pessoa, a confidencialidade de seus dados será quebrada e algum familiar/responsável por você será contatado e informado sobre sua condição, a fim de assegurar seu bem estar. Para tanto, solicitamos que você preencha os dados de seu familiar/responsável no espaço correspondente ao final deste Termo de Consentimento.

Mesmo não tendo benefícios diretos em participar, indiretamente você estará contribuindo para a compreensão do fenômeno estudado e para a produção de conhecimento científico.

Quaisquer dúvidas relativas à pesquisa poderão ser esclarecidas pelo pesquisador através dos telefones 81002602 ou 33203633 ramal 7741 ou pela entidade responsável – Comitê de Ética em Pesquisa da PUCRS: Av. Ipiranga 6681, Prédio 40 - Sala 505, fone 33203345.

Prof. Dr. Adolfo Pizzinato

Matrícula: 10082814

Local e data

Consinto em participar deste estudo e declaro ter recebido uma cópia deste termo de consentimento.

Nome e assinatura do participante

Local e data

Telefone para contato: _____



Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
Pró-Reitoria Acadêmica
Av. Ipiranga, 6681 - Prédio 1 - 3º andar
Porto Alegre - RS - Brasil
Fone: (51) 3320-3500 - Fax: (51) 3339-1564
E-mail: proacad@pucrs.br
Site: www.pucrs.br/proacad